

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

TEMA:

Jovens Ex alcoólatras Reabilitados e a Busca pelo Emprego: Um olhar sobre as estratégias adoptadas pelos ex alcoólatras para sua integração no Mercado de trabalho na Cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora:

Sónia Luísa Henriques

Supervisor: Baltazar Samuel Muianga (M.A)

Maputo, Fevereiro de 2015

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Jovens Ex alcoólatras Reabilitados e a Busca pelo Emprego: Um olhar sobre as estratégias adoptadas pelos ex alcoólatras para sua integração no Mercado de trabalho na Cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Sónia Luísa Henriques

Departamento de Sociologia

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Supervisor:

Baltazar Samuel Muianga

Maputo, Dezembro de 2014

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Fevereiro de 2015

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Tema:

Jovens Ex alcoólatras Reabilitados e a Busca pelo Emprego: Um olhar sobre as estratégias adoptadas pelos ex alcoólatras para sua integração no Mercado de trabalho na Cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora:

Sónia Luísa Henriques

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, Fevereiro de 2015

Declaração de Honra

Eu, Sónia Luísa Henriques, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico, ou outro fim, sendo resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Sónia Luísa Henriques

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Henriques Vasco e Estélia Victorino, que são as pessoas mais importantes da minha vida, pois foram eles que mais me incentivaram e fizeram de tudo para que continuasse com o meu empenho estudantil.

Agradeço-os do fundo do coração porque são a minha fonte de inspiração e a minha força de determinação.

Igualmente dedico este trabalho a toda ao meu filho Keyaan, minha família, irmãos e ao meu noivo, pela dedicação, carinho, amor e apoio que me prestaram durante a execução do trabalho.

Agradecimentos

A realização do trabalho fim do curso tem a particularidade de, por um lado, desenvolver competências e, por outro lado, contar com a colaboração de terceiros, sem a qual se torna irrealizável. Por isso mesmo, chegado o momento de término do trabalho de fim do curso, não posso deixar de lembrar, com especial carinho, de todos que, das mais diferentes formas, me apoiaram.

Assim sendo, de uma forma geral, endereço o meu “muito obrigado” a todas as pessoas que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a realização do trabalho.

Começo por agradecer de coração ao Dr. Baltazar S. Muianga, pelas horas que gastou, ajudando-me com este trabalho, pois foi através dos puxões de orelhas e dos conselhos que consegui passar para esta fase importante da minha vida, que é a conquista do meu grau de licenciada.

Agradeço incondicionalmente ao meu noivo Mirlodey Ussumane, pela paciência, amor, carinho e força: muito obrigada e amo-o muito. Aos meus irmãos, muito obrigado, por se terem abdicado dos seus afazeres para me ajudarem.

Agradeço igualmente aos meus colegas de turma e amigos da Universidade Eduardo Mondlane, pelos grandes e intensos debates levantados em torno do meu tema, pelas críticas, sugestões e apoio moral.

Enfim, agradeço aos demais que fazem parte da minha vida, pelos *toques* que me deram.

Resumo

Tendo como objecto de estudo os ex-alcoólatras reabilitados pela Remar, o presente trabalho de monografia procura compreender as estratégias que são adoptadas pelos jovens ex-alcoólatras para se integrarem no mercado de trabalho. O estudo foi realizado na Cidade de Maputo, especificamente nos bairros de Laulane, Polana Caniço, Malhapsene, Central B, George Dimitrov e distritos de Marracuene e Boane onde o grupo alvo da pesquisa reside.

O estudo, tem como suporte teórico a abordagem de Erving Goffman (2008), no seu livro “Estigma e Identidade”. Desta feita, defendemos o argumento de que os ex-alcoólatras, com o objectivo de se integrarem no mercado de trabalho, manipulam a sua identidade, ocultando a informação sobre a sua condição, sob o receio de sofrerem o estigma por parte do empregador.

Entendemos que o medo pela rejeição está presente na vida e no quotidiano destes indivíduos. Os ex-alcoólatras têm a informação sobre a maneira como a sociedade os concebe, pelo facto de terem outrora quebrado com as normas socialmente aceites. Deste modo, os ex-alcoólatras têm a consciência de que as entidades empregadoras não lhes facultarão o emprego por se terem envolvido com o consumo exacerbado do álcool. Daí que a manipulação da identidade resulte de uma estratégia para fazer frente à sua imagem não muito boa, presente no imaginário social, e à estigmatização a que estão sujeitos.

Palavras-chave: Ex-alcoólatras, *Integração Social, Estigma, Mercado de Trabalho*

Abstract

With the object to study the ex alcoholics rehabilitated by Remar, this monograph work aims to understand the strategies that are adopted by former alcoholic's young people to participate in the labor market. The study was conducted in Maputo City, specifically in the districts of Laulane, Polana Canico, Malhapsene, Central B, George Dimitrov and Marracuene and Boane district where the aim of the research group resides.

In the study was used as theoretical approach of Erving Goffman (2008), in his book "Stigma and Identity". We support the argument that the ex alcoholics, with the aim to integrating into the labor market, manipulate your identity by hiding information about their condition, under the fear of suffering the stigma by the employer.

We understand that fear rejection is present in everyday life and in these individuals. The former alcoholics have information about the way society sees them, for having once broken with the socially accepted standards. The, ex- alcoholics are aware that employers they shall not provide them employment for having involved with excessive consumption of alcohol. The manipulation of identity result of a strategy to cope with their image not very good, present in the social imaginary, and stigmatization they face.

Keywords: Ex - alcoholics, Social Integration, Stigma, Labour Market.

LISTA DE ACRÓNIMOS

AA - Alcoólicos Anónimos

CID - Classificação Internacional das Doenças

DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

OIT - Organização Internacional do Trabalho

REMAR - Centro de Reabilitação de Marginalizados

2M - Cervejas de Moçambique

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Índice	Páginas
Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Lista de Acrónimos.....	iv
Introdução.....	3
CAPÍTULO I.....	10
1. Revisão da Literatura.....	19
2.1. Hipótese.....	27
2.2. Variáveis.....	28
CAPÍTULO II.....	29
2. Enquadramento Teórico e Conceptual.....	29
2.1. Definição e operacionalização dos conceitos.....	33
2.1.1. Alcoolismo.....	33
2.2.2. Trabalho.....	34
2.2.3. Identidade.....	35
2.2.4. Integração Social.....	39
2.5. Modelo de Análise.....	41
CAPÍTULO III.....	33
3. Metodologia.....	33

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

3.1. Método de Abordagem.....	42
3.2. Método de Procedimento	43
3.3. Técnicas de Recolha de Dados	43
3.4. Grupo Alvo	44
CAPÍTULO V	45
4. Análise e Interpretação dos Dados.....	45
4.1. Perfil sociodemográfico dos Entrevistados.....	45
4.2. Percepção do Estado de Alcoólatra e Ex Alcoólatra	46
4.2.1. Percepção do Estado de Alcoólatra.....	46
4.2.1.1. <i>Alcoólatra como dependente de bebidas alcoólicas</i>	47
4.2.1.2. <i>Alcoólatra como Irresponsável</i>	48
4.2.2. Percepção do Estado de ex-alcoólatra.....	49
4.2.2.1. <i>Eternização do Estado de Alcoólatra</i>	49
4.2.2.1. <i>O Alcoólatra como Recuperado</i>	52
4.3. Estigma como um Constrangimento na integração no mercado de trabalho.....	54
4.4.1. Ocultação do estigma	57
4.4.2. Normalização do Estigma	58
4.4.5. Recursos as Redes Sociais.....	60
Considerações Finais.....	55
Referencias Bibliográficas.....	57

Introdução

Ex alcoólatras manipulando a sua identidade para se integrarem no mercado de trabalho, fenómeno relacionado ao estigma a que estão sujeitos pela sua condição¹.

O mundo assiste a uma vaga crescente de abuso de substâncias nocivas, tal que a acessibilidade e o consumo destas substâncias é cada vez maior. No plano do mercado de trabalho, diversos estudos demonstraram o impacto negativo do abuso de substâncias sobre as empresas, sobre os trabalhadores e as suas famílias (OIT, 2006).

No que se refere aos trabalhadores, o abuso de substâncias pode causar problemas de saúde, deterioração das relações pessoais, perda de emprego e problemas familiares, legais e financeiros. A nível das empresas, o abuso de substâncias tem sido associado a acidentes, absentismo e perda de produtividade. Calcula-se que os custos para os diferentes sectores da actividade económica e para a comunidade sejam da ordem dos milhares de milhões de dólares (Idem).

É neste contexto que surge este estudo com o seguinte tema: *Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo*. Este trabalho é essencialmente de natureza exploratória cujo objectivo é compreender das estratégias que os ex-alcoólatras que passaram pelo centro de reabilitação denominado Remar² (tentando provar o estado de recuperados) adoptam para se integrarem no mercado de trabalho.

A escolha por esta temática suscitou-me pelo interesse que nutro pela integração, adaptação e aceitação na sociedade, de pessoas consideradas detentoras de um estigma, daí a preocupação em compreender as suas manobras de integração no mercado de trabalho.

¹ Neste estudo, pretendemos demonstrar que o estigma como um fenómeno social pode ser considerado como um factor que contribui para que os indivíduos ex-alcoólatras manipulem a sua identidade social para serem aceites na sociedade, particularmente no mercado de trabalho.

² Remar é uma organização não-governamental e dedica-se a trabalhos de cariz social. As suas actividades estão ligadas à assistência social a crianças órfãs, abandonadas, mães solteiras, toxicodependentes, doentes de HIV/Sida, viúvas e idosos, acolhendo-os gratuitamente e ajudando-os na sua reabilitação física e psíquica.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Este interesse parte do conhecimento e relacionamento pessoal com indivíduos que se encaixam nesta categoria, por deterem um comportamento do consumo excessivo do álcool, e que por já terem passado pelo processo de reabilitação, vêm-se na condição de que sejam capazes de engrenar para o mercado de trabalho. Assim sendo, para que tal objectivo seja almejado é necessário que provem a superação do consumo do álcool, adoptando estratégias de aceitação por aqueles que são considerados como indivíduos normais.

Para se estudar a prevalência do alcoolismo e dos problemas a ele associados, diferentes delineamentos de investigação têm sido adoptados, sendo que constitui para o foco central do nosso estudo a integração de ex-alcoólatras no mercado de trabalho, cujos indivíduos tenham sido reabilitados na Remar.

O consumo do álcool no ambiente laboral de trabalho constitui um grande problema, pois, segundo Megia et al (1995), provoca a mais baixa das produtividades e a taxa mais alta de absentismo, visto que são os trabalhadores que sustentam a base das organizações. Daí que para a integração dos ex alcoólatras ao meio laboral estes manipulem esta identidade deteriorada que possuem para que na instituição a qual pretendem se enquadrar olhem para o sujeito como alguém que possa contribuir no desenvolvimento da mesma, e não olhá-lo como um indivíduo que criará o disfuncionamento da instituição por causa do seu envolvimento com o álcool.

Assumimos assim que existe um conjunto de explicações que versam sobre a temática do consumo do álcool desde os seus factores, consequências, para além de mostrar-nos uma ideia sobre a forma como este fenómeno vem sendo olhado na esfera social e quais acções vêm sendo desenvolvidas em torno desta mesma problemática. Não obstante, pensamos que com este estudo podemos criar um rompimento com estas explicações anteriormente dadas e apreender um novo conhecimento que está relacionado aos ex-alcoólatras e a sua integração no mercado de trabalho, cujo problema advem da sua condição e aceitação.

Muitos destes estudos e trabalhos têm demonstrado uma vertente de intervenção, prevenção no que tange ao álcool, mas raras vezes escreve-se sobre como esses indivíduos interpretam a sua realidade, sendo que o olhar sobre este fenómeno representa a contribuição que a presente monografia traz para a Sociologia. Pretende-se demonstrar que devido ao estigma que têm

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

carregado pela sua condição, estes indivíduos manipulam a sua identidade de ex-alcoólatras para que esse factor não influencie de certo modo na sua integração.

Assim sendo, pela perspectiva por assumida neste estudo, pensa-se que os indivíduos ex-alcoólatras adquirem uma imagem deteriorada da sua pessoa, pelo facto de serem considerados indivíduos desviantes, daí que se acha pertinente e interessante ter a compreensão por parte dos indivíduos estigmatizados, sobre que estratégias adoptam para se poderem integrar no mercado de trabalho após estarem reabilitados, uma vez que a integração social remete ao modo como os actores sociais constroem as relações que os ligam a um espaço comum e participam nele. Desta feita, o trabalho é tratado neste estudo como uma forma de o indivíduo ex alcoólatra sentir-se útil e integrante dentro da sociedade.

Neste âmbito, para a concretização do trabalho, iniciou-se a abordagem sob o argumento de que os ex-alcoólatras, com vista a singrarem no mercado de trabalho, optam por manipular a sua identidade deteriorada, ocultando essa informação para se identificarem com os outros indivíduos normais.

Historicamente, acredita-se que a bebida alcoólica teve a sua origem na Pré-História, mais precisamente durante o período Neolítico, com a prática da agricultura e a invenção da cerâmica. A partir de um processo de fermentação natural, ocorrido há aproximadamente 10.000 anos, o ser humano passou a consumir e a atribuir diferentes significados ao uso do álcool. Os celtas, gregos, romanos, egípcios e babilônios registraram de alguma forma o consumo e a produção de bebidas alcoólicas (Lazo, 1989).

O solo e o clima na Grécia e em Roma eram especialmente ricos para o cultivo da uva e a produção do vinho. Os gregos e os romanos também conheceram a fermentação do mel e da cevada, mas o vinho era a bebida mais difundida nos dois impérios, tendo importância social, religiosa e medicamentosa. No Egipto Antigo, os egípcios deixaram documentados nos papiros as etapas de fabricação, produção e comercialização da cerveja e do vinho (Boof, 2004).

Eles também acreditavam que as bebidas fermentadas eliminavam os germes e os parasitas, e deveriam ser usadas como medicamentos, especialmente na luta contra os parasitas provenientes das águas do Nilo. Na Idade Média, a comercialização do vinho e da cerveja cresceu, assim

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

como a sua regulamentação. A intoxicação alcoólica, isto é, a bebedeira deixa de ser apenas condenada pela igreja e passa a ser considerada um pecado por esta instituição (ibdem).

Durante a Renascença, passa a haver a fiscalização dos cabarés e tabernas, sendo estipulados horários de funcionamento destes locais. Os cabarés e tabernas eram considerados locais onde as pessoas podiam se manifestar livremente e o uso de álcool participa dos debates políticos que mais tarde vão desencadear na Revolução Francesa. Ainda no início e na primeira metade do século 19 alguns estudiosos passam a tecer considerações sobre as diferenças entre as bebidas destiladas e as fermentadas, em especial o vinho. Neste sentido, Pasteur em 1865, não encontrando germes maléficos no vinho declara que esta é a mais higiênica das bebidas (Kalina, 1999).

A partir da revolução industrial, o consumo do álcool atingiu níveis até então desconhecidos. Nos Estados Unidos, durante os anos 20, os números de alcoólicos cresciam de uma forma assustadora, sendo que as campanhas de esclarecimento não surtiam efeito. Foi no ano de 1952 que o alcoolismo, passou a ser tratado como doença com a primeira edição do DSM-I (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) (Kalina, 1999).

No ano de 1967, o conceito de doença do alcoolismo foi incorporado pela Organização Mundial de Saúde à Classificação Internacional das Doenças (CID-8), a partir da 8ª. Conferência Mundial de Saúde. No CID-8, os problemas relacionados ao uso de álcool foram inseridos dentro de uma categoria mais ampla de transtornos de personalidade e de neuroses. Esses problemas foram divididos em três categorias: dependência, episódios de beber excessivo (abuso) e beber excessivo habitual.

Em Moçambique, o consumo do álcool não constitui um fenómeno novo, todavia, a relevância que vem assumindo nas políticas públicas faz com que se torne um fenómeno para o qual se tem prestado muita atenção. O governo moçambicano, em cooperação com outros parceiros, tais como a sociedade civil e a maior fábrica de cerveja no país 2M, vem desenvolvendo programas e políticas de luta contra o consumo de bebidas alcoólicas.

Para a 2M, a sua maior prioridade no âmbito social é o desencorajamento do consumo excessivo de bebidas alcoólicas na camada jovem e adolescente (Jornal A verdade, 2013). De acordo com

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

este informativo, o representante desta instituição, José Moreira, diz que o consumo do álcool está por detrás de muitos males sociais, dentre os quais destacam-se os acidentes de viação. *O alcoolismo pode potencialmente resultar em condições (doenças) psicológicas e fisiológicas, assim como, por fim, na morte*³.

O álcool, a par das chamadas drogas leves, constitui, em Moçambique, a terceira causa de internamento de doentes mentais, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde (MISAU). Para se ter uma ideia, só nos últimos três anos, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas levou ao internamento de 716 pessoas, colocando acima de outras substâncias como a cannabis, com 464 internados, e substâncias específicas e múltiplas, com 416 e 116, respectivamente.

De acordo com a OIT (S.d), nos últimos anos, houve uma preocupação em reduzir a procura, criando programas que promovem ambientes livres de drogas. Após anos de debates e reformulações, finalmente, o governo moçambicano aprovou uma lei de criminalização de venda e o consumo excessivo do álcool. Esta lei entraria em vigor no corrente ano, especificamente no mês de Março. De acordo com a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade (CACDHL), esta medida encontra-se no âmbito de combate aos males que colocam em causa não só a ordem pública, como o bem-estar dos cidadãos.

Assim sendo, é ao lado desses diferentes olhares que se pretendeu desenvolver um estudo, que assumiu um olhar científico sobre a realidade do consumo excessivo do álcool, tendo como foco os ex-alcoólatras e a sua integração no mercado de trabalho. Visto o problema do alcoolismo sob este prisma, no trabalho a preocupação com os ex-alcoólatras se estende desde a sua *integração e reintegração* social em diferentes espaços da sociedade, sendo que o retorno a esta é uma das condições para a manutenção do seu estado de recuperados.

Assim sendo, o presente estudo dedicou-se ao processo de integração dos ex-alcoólatras no mercado de trabalho, assumindo como postulado a ideia de que este processo é condicionado, dentre outros factores, pela capacidade deste em manipular a sua identidade de ex-alcoólatras.

³ Palavras do Representante da Cerveja de Moçambique, tornadas públicas no jornal A verdade de 2014.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Escolhe-se o prisma mercado de trabalho não só pelo facto de ser um espaço no qual se buscam as condições para a subsistência, assim como pelo facto de o trabalho continuar a ser considerado como um espaço de auto-realização do homem (Ribeiro e Ledá, 2004).

O factor da manipulação da identidade, segundo Luís Capucha (*et al.* 2005) surge sob a perspectiva de que hoje em dia partilha-se a ideia de que a toxicoddependência é um dos principais mecanismos de exclusão social. De acordo com os autores, trata-se de jovens consumidores, a maioria do sexo masculino, solteiros, com uma média idade entre os 26 e 35 anos, e com níveis de escolaridade baixo.

Relativamente à inserção dos consumidores de estupefacientes no mercado de trabalho, as instituições que dão trabalho afirmam que para além das condições sociais de precariedade que os consumidores de drogas vivem, estes também apresentam problemas relacionados com a situação laboral: as taxas de desemprego são muito elevadas em comparação com a população em geral (47% de emprego para a população em geral e entre os consumidores de droga são 8, 2%); têm também a dificuldade de encontrar emprego e, raramente conseguem conservar o emprego durante muito tempo (Idem).

Por isso, pretendemos junto dos indivíduos ex-alcoólatras compreender quais as estratégias que adoptam para se integrarem no mercado de trabalho. Isto porque a sociedade reage de diferentes formas às questões que a ela são de ordem desviante e não desejável, deste modo, impedindo que estes indivíduos ex-alcoólatras frequentem ou se integrem em certos espaços.

Assim temos como objetivo geral compreende as estratégias que os ex-alcoólatras adoptam para se integrarem no mercado de trabalho. Quanto aos objetivos específicos, buscamos descrever a percepção que os ex-alcoólatras têm sobre a sua condição; Identificar os constrangimentos encontrados pelos ex-alcoólatras na sua integração no mercado de trabalho; Identificar e analisar as estratégias que os ex-alcoólatras adoptam para se integrarem no mercado de trabalho.

Ao nosso estudo aliamos o suporte teórico defendido por Goffman (2008), a qual se integra na perspectiva da Corrente Interacionista. A este suporte teórico, optou-se pela metodologia qualitativa, cujo modelo de procedimento utilizado consistiu no monográfico, sob uma abordagem hipotético-dedutiva, onde foram administradas entrevistas em profundidade para a

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

apreensão das questões relacionadas com o íntimo dos entrevistados. Neste âmbito, trabalhou-se com uma amostra de 09 indivíduos do sexo masculino reabilitados na Remar, com base na amostragem probabilística por acessibilidade e bola de neve.

Nas linhas subsequentes do nosso trabalho debatemos o fenómeno das estratégias dos ex-alcoólatras, pelo que, o trabalho apresenta-se estruturado da seguinte maneira: No primeiro capítulo apresentamos a revisão de literatura do trabalho na qual teve como base estudos realizados em diferentes contextos, sobre a realidade do ex-alcoólatra nas suas diferentes dimensões, e conseqüentemente, encontramos a formulação do problema de pesquisa, seguindo-se da pergunta de partida com a respectiva hipótese e as variáveis dependente e independente.

No segundo capítulo encontra-se o enquadramento teórico e conceptual e a operacionalização dos conceitos, dando assim, a conhecer o modelo de análise. Por conseguinte no terceiro capítulo apresentamos a metodologia, contendo o método de abordagem, de procedimento, as técnicas, o grupo-alvo e a amostragem. De seguida temos o quarto capítulo, que versa sobre a análise e interpretação dos resultados, e por fim, temos as considerações finais do trabalho, a bibliografia e os anexos.

CAPÍTULO I

1. Revisão da Literatura

Nesta parte do trabalho, procura-se realizar uma incursão sobre os diferentes estudos até então desenvolvidos em torno do consumo do álcool em geral e do alcoolismo em particular, com o objectivo principal de tomar conhecimento do que tem sido escrito. Este conhecimento vai permitir situar o estudo neste universo literário e efectuar a construção teórica, o problema de pesquisa.

Os estudos que se apresentam nesta revisão da literatura retrataram a questão do alcoolismo de diferentes pontos de vistas, incidindo sobre as diferentes dimensões deste fenómeno. Alguns estudos debruçam-se sobre a questão do álcool sob vertentes da superação do alcoolismo e como uma construção de identidade. Outros são sobre as suas consequências (Oliveira, 2009) e causas (Santos, 2008; Andrade et al, 2008; Martins, 2001).

Deste modo, de forma a sistematizar a apresentação e discussão começa-se por apresentar os autores que se dedicaram ao estudo das causas do alcoolismo, para depois trazer os que falaram das consequências, dando sequência a autores que retrataram dimensão das estratégias de luta contra o alcoolismo e a construção de identidade.

Como forma de identificar os problemas que levaram ao alcoolismo, a leitura do percurso de vida dos alcoólatras mostra-se como uma via frutífera. Este é o procedimento que Santos (2008) adopta.

O seu estudo intitulado “*Nos Bastidores do Consumo: o álcool e a mulher*”, Santos (2008) estudou o alcoolismo nas mulheres, com o objectivo de compreender, de forma aprofundada, o percurso de alguém que, por uma pluralidade de factores contextuais, iniciou uma etapa que entretanto, conduziu à dependência alcoólica. Neste estudo, Santos (2008) defende que o alcoolismo é uma doença que não depende de uma vontade individual, e que se instaura como um processo evolutivo no qual intervêm factores tanto referentes à personalidade individual, como o ambiente familiar, educativo, cultural, laboral, relacional e social, e que assume uma particularidade no caso das mulheres.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

De acordo com Santos (2008), as principais características que diferenciam o alcoolismo feminino do alcoolismo masculino são o menor convívio, pois normalmente as alcoolizações ocorrem em casa; alcoolizações mais culpabilizadas - envolvendo sentimentos como a vergonha, tanto para a própria pessoa assim como para os que a rodeiam; e o beber solitário, que se deve ao culminar de todos os factores anteriormente evidenciados.

No que diz respeito aos factores, pode-se destacar o meio cultural, como as crenças, valores, atitudes que conduzem a comunidade ou os seus grupos específicos no caminho do consumo, destacando assim a importância do ambiente na conduta do indivíduo, na interação de elementos sociológicos e culturais (Santos, 2008). Falando de forma específica, o autor identifica que o desemprego, a privação social, entre outros, podem ter efeitos importantes sobre o início e o uso contínuo do álcool pelo indivíduo, sendo que a raça, o sexo, a idade, a religião, as condições socioeconómicas e o ambiente familiar influenciam directamente a opção individual de usar ou não o álcool (idem).

Acrescenta ainda que a análise do alcoolismo nas mulheres implica a consideração das relações de género. Entretanto, ancorando-se na ideia de Santos (2008) em relação ao consumo do álcool e a mulher, destacam-se Andrade et al (2008), que a este respeito afirmam que o consumo do álcool é um comportamento de beber como um aspecto relacionado ao papel do homem e da mulher na sociedade, visto que, em algumas culturas, a diferença entre os géneros no comportamento de beber diminuiu.

Uma hipótese comum sobre essa convergência é que as crescentes oportunidades para as mulheres actuarem em funções tradicionalmente masculinas (principalmente na força de trabalho) as permitiu e as encorajou a beber mais, apesar das consequências mais deletérias nas mulheres. Consistente com essa hipótese, verifica-se que a convergência é mais frequente entre adolescentes ou adultos jovens (Andrade et al, 2008).

Referem que o problema do consumo do álcool têm sido relacionado, sistematicamente, ao enfrentamento de emoções negativas em toda a população em geral. Os transtornos relacionados ao álcool e à mulher tornaram-se progressivamente predominantes e este início do consumo do

álcool entre as mulheres está a ocorrer em idades cada vez menores, aumentando, portanto, o risco de desenvolver dependência alcoólica.

A preocupação é maior tendo em vista que as mulheres são consideradas as mais “vulneráveis” que os homens em relação às consequências de saúde ao consumo do álcool (Andrade et al, 2008).

Diferentemente do objecto das perspectivas acima mencionadas, Oliveira (2009) ocupou-se principalmente em abordar sobre o álcool sob o tema “*Alcoolismo: Vivência Familiar de uma Doença Social*”, mostrando-se preocupado em estudar os impactos do consumo excessivo do álcool.

Neste estudo, o autor defende que é importante olhar para o consumo do alcoolismo como um problema social, contudo, este fenómeno só se transforma num problema social quando surgem simultaneamente circunstâncias sociais e culturais que, por um lado, fomentam e tornam possível o seu uso generalizado com todas as suas consequências e, por outro lado, se desenvolvem atitudes contrárias, de repúdio incompatíveis com o uso considerado excessivo e inclusivamente com qualquer uso de álcool.

Oliveira (2009) refere que o alcoolismo afecta não só o doente alcoólico, mas também os seus familiares mais próximos de uma forma afectiva, económica e social, na medida em que, implica um elevado gasto económico e desgasta os afectos e relacionamentos interpessoais e familiares. O alcoolismo ao afectar a saúde do indivíduo, vai afectar quase que inevitavelmente todas as outras dimensões da sua vida, ou seja, o indivíduo alcoólico frequentemente gasta o seu ordenado na bebida, deixa de ter condições de ajudar a esposa financeiramente, perde a capacidade para executar eficientemente as suas tarefas profissionais e acaba por desgastar as suas relações familiares e profissionais, entre outras.

Acrescenta que este desgaste conduz a uma série de problemas sociais, como o fracasso do desempenho de determinados papéis como, por exemplo, o papel de trabalhador, vizinho, amigo, pai, entre outros, não se processando apenas ao nível individual, inevitavelmente atingindo a sua família (Oliveira, 2009: 77).

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

A abordagem de Oliveira mostra que o alcoolismo não poder ser analisado de forma isolada, mas contextualizada. O mesmo deve ser feito com relação aos problemas decorrentes do alcoolismo, visto que um problema pode levar ao outro. Neste sentido, pode-se considerar que do mesmo modo que o alcoolismo pode resultar de outros problemas, pode levar a outros problemas.

Passando agora para os estudos que falaram sobre o processo de recuperação dos alcoólatras, podemos identificar, de uma forma geral, dois posicionamentos. O primeiro é de alguns estudos que defendem que a recuperação do alcoólatra passa pela intervenção social de algumas instituições, como a família e a educação, onde se encontram autores como Filhos et al (2012) e Moss e Durman (s/d). Na segunda abordagem, encontram-se autores que olham para a recuperação do alcoólatra como uma questão da construção e reconstrução da identidade, que são Campos (2004), Fonseca e Castro (s/d), Campos e Ferreira (2007) e Martins (2011).

Filhos et al (2012), num estudo realizado no contexto brasileiro com o tema “Alcoolismo no contexto familiar: estratégias de enfrentamento das idosas usuárias da terapia comunitária”, assumiram como pressuposto básico a afirmação segundo a qual “os agravos associados ao uso do álcool nem sempre foram os mesmos, e nem sempre tiveram a mesma dimensão. A relação do homem com a bebida vem mudando nos últimos anos, em face de uma nova cultura econômica e social, que tem estimulado, através da mídia, novos comportamentos de consumo, promovendo o estreitamento da relação *indivíduo-álcool*”.

Filhos et al (2012) efectuaram a recolha de dados junto das fichas de organização de uma instituição virada para o tratamento do alcoolismo com recurso à análise de conteúdo. Nessas fichas, os autores constataram que as famílias dos alcoólatras adoptaram um conjunto de estratégias como forma de fazer face à situação. De acordo com Filhos et al (2012), as estratégias identificadas foram a tentativa de atendimento em centros especializados, a procura da igreja; a busca na família o apoio de que precisa; a procura de trabalhos sociais, a fé em Deus; a procura de grupos de apoio; o internamento do filho alcoólatra; perdoar o filho; a alimentação de um pensamento positivo; a abertura do coração; e, a superação pelo diálogo.

Estas estratégias são postas em práticas baseadas em sentimentos diferenciados quanto à sua validação. Filhos et al (2012) apontam que os familiares dos alcoólatras afirmam ser importante

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

ter esperança, fé, coragem, optimismo, determinação e confiança; outros referem que é importante ter respeito, solidariedade, conforto e união; outros ainda apontam pela coragem, alívio, perseverança, amor, alegria, entusiasmo, felicidade e tranquilidade.

Em função destas colocações, os autores concluem ser relevante realizar uma terapia comunitária integrativa, levando a criação de um espaço que permita a expressão da subjectividade, estabelecendo eixos temáticos, como o alívio do sofrimento, valorização pessoal e fortalecimento de vínculos de solidariedade. Neste sentido, a superação do alcoolismo não pode ser realizada de forma unilateral, sendo importante haver uma relação dialógica.

Moss e Durman (s/d), no seu estudo “Alcoolismo na adolescência: intervenção na escola” partem de uma base segunda a qual o alcoolismo é uma questão de saúde pública e afecta maioritariamente os jovens e adolescentes. O objectivo dos autores neste estudo era de realizar uma análise de como o álcool está inserido no quotidiano dos alunos e o que eles pensam acerca do uso de bebida alcoólica. Moss e Durman (s/d) enfatizam que, para lhe dar com a questão do consumo do álcool e do alcoolismo, é necessário que pautem pela via da educação junto destas camadas sociais, transformando a escola e a família em espaços de conscientização sobre os riscos associados ao consumo exagerado do álcool.

Os autores constataram que os estudantes assumem diferentes posicionamentos sobre a forma de agir em determinadas situações dentro das quais se insere o álcool. Por exemplo, no que diz respeito ao assumir responsabilidades por parte dos alcoólatras, Moss e Durman (s/d) verificaram a predominância de um pensamento determinista, recorrendo-se à formulação “filho de peixe sabe nadar” para defender que o filho é alcoólatra e irresponsável pelo facto de o pai ter sido algum dia. Assim, o alcoolismo está ligado às vivências, experiências, relações e à história familiar, sendo assim, torna-se uma factor hereditário.

Por sua vez, na segunda abordagem, encontram-se autores que defendem a construção e reconstrução da identidade, começando por Martins (2011) em cujo estudo intitulado “*Identities Alcoolizadas: entre o jogo de identidades e as estratégias de integração*”, tinha como objectivo compreender como é que as representações sociais em torno do álcool orientam os estudantes para o seu consumo. A autora argumenta que o consumo do álcool representa para

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

a camada juvenil, por um lado, uma tentativa de afirmar uma certa identidade e, por outro lado, um meio para se integrar num determinado grupo.

A perspectiva de Martins (2011), ao relacionar o consumo do álcool à identidade, consiste em assumir que a procura de construir uma certa identidade é que leva ao consumo do álcool, principalmente numa camada social, adolescência, onde se verifica uma constata e contínua reconstrução da identidade. Neste sentido, ao longo da experimentação de identidade os adolescentes acabam por enveredar pelo consumo do álcool. Pode olhar para a relação entre álcool e identidade sem que tenha que defender que a construção desta leva àquela.

Martins (2001) refere que, com os resultados, foi possível concluir que existe, entre os estudantes, um conjunto de representações sociais segundo as quais o álcool é encarado como uma forma de lidar a adolescência e que, muitas das vezes, dá fundamento às motivações dos estudantes, justificando a sua opção pelo álcool.

Campos (2004) desenvolveu um estudo em São Paulo com o tema “As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos”, onde procurou compreender os mecanismos colocados em prática pelos membros dos Alcoólicos Anônimos (AA) para lutar contra o alcoolismo e, assim, legitimar, ao mesmo tempo, a sua condição de “doente alcoólico” e a sua necessidade de abstinência em relação ao álcool. Entende que é por meio das “práticas ritualizadas”, nas reuniões de recuperação, que os membros do grupo podem (re)atualizar o programa de recuperação de AA, comunicando e legitimando a sua condição, ao mesmo tempo de “doente alcoólico” e de “alcoólico em recuperação”.

Pode-se dizer que as narrativas feitas durante a reunião de recuperação, embora fundadas na experiência intransferível da dor e do sofrimento, compartilham um código comum e específico para expressar os dilemas e embaraços da prática social, e o confronto quotidiano entre as situações vividas e os valores próprios da vida em sociedade. A experiência do alcoolismo se constrói, portanto, no interior de um *campo semântico* próprio a uma ordem de sentido, dentro da qual os seus conteúdos significativos são construídos, ao mesmo tempo em que se afirma a identidade do “doente alcoólico em recuperação” (Campos, 2004).

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

De acordo com Campos (2004), ao longo das reuniões, é básica a utilização da imagem do “fundo-de-poço”. A sua utilização marca a passagem do bebedor para um novo universo social: o grupo de AA, portador de valores que possibilitam ao ex-bebedor construir a identidade de “doente alcoólico em recuperação”. A identificação entre os membros do grupo, proporcionada pelo pertencimento a uma nova ordem de sentido, permite a elaboração da identidade de “doente alcoólico em recuperação”, que passa agora a compôr o referencial central de uma verdadeira “identidade existencial”, possibilitando a ruptura com o “tempo do alcoolismo activo” e a reorientação das suas acções em vista da conquista da sobriedade.

Podemos verificar que a construção de uma identidade alcoólatra é determinante para o processo de recuperação do doente. É pelo facto de as associações de alcoólatras constituírem um espaço de construção e partilha de significados, que o ex-bebedor tem a capacidade de construir a sua identidade e se assumir como pertencente a um grupo específico. A construção da identidade de doente (alcoólatra) implica a superação da identidade de bêbado. Como consequência, o alcoólico adquire um status de doente, com uma positividade não encontrada na representação do “bêbado” e do “cachaceiro”.

Fonseca e Castro (s/d), no estudo sobre “Ver a dobrar: a reconstituição da identidade alcoólica no CRAP”, centraram-se na problemática do álcool ao nível das lógicas de produção e apropriação dos atributos de identidade que têm por referente a categoria de alcoólico, atendendo à diversidade de agentes, recursos e estratégias que operam no contexto organizacional do CRAP. Nesta linha de pensamento, os autores constatarem que os utentes (alcoólatras) desta instituição apropriam-se de forma diversificada dos conteúdos administrados na instituição, o que faz com os comportamentos de superação não sejam homogêneos.

De acordo com Fonseca e Castro (s/d), no que diz respeito às considerações finais do estudo, o acesso aos conteúdos da terapia, ou seja, à efectivação de um *projecto reflexivo*, depende não só dos diferentes recursos simbólicos que detêm os diversos utentes, mas também do grau com que obedecem à ordem disciplinar que sustenta a organização do internamento.

Campos e Ferreira (2007) desenvolveram um estudo com o título “A importância da legitimação social na (re)construção da identidade de um alcoolista”, onde buscavam compreender as

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

dificuldades que um alcoolista encontra, mesmo estando abstêmio, para reconstruir sua identidade a partir das suas interações sociais. Neste estudo, os autores chegaram, como principal constatação, à ideia segundo a qual o alcoólatra enfrenta dificuldade em modificar uma identidade pressuposta, principalmente por aspectos que lhe são socialmente atribuídos, ou pelo modo que esse os significa.

Dessa forma, este estudo constatou que, além da responsabilidade do próprio indivíduo, a importância do grupo social no retorno do comportamento aditivo, mesmo que de forma involuntária, dificultando o alcance de uma alteração desejada pelo alcoolista na direção da sua autonomia, induzindo-o à reprodução da sua mesmice. A partir destas constatações, duas ideias relevantes para o estudo que se pretende realizar podem ser retiradas. A primeira considera que a superação do alcoolismo não se limita ao deixar de beber, estendendo-se para a superação da identidade alcoólatra e os indivíduos têm consciência desse facto; e a segunda ideia é a que refere que esta superação depende da capacidade do indivíduo em manipular os elementos que lhe permitem superar a identidade alcoólatra.

Os estudos discutidos retratam diferentes dimensões do alcoolismo. Assim sendo, a perspectiva que se considera ser relevante analisar o alcoolismo do ponto de vista da reconstrução identitária mostra-se muito frutífera para a compreensão desta realidade do que aquelas perspectivas que se limitam a evidenciar as causas e as consequências do alcoolismo, revelando uma dimensão determinante, pois as relações sociais têm como base as identidades atribuídas e relevantes.

Mas torna-se mais importante ainda reconhecer que estas relações não se dão em espaços vazios, mas em espaços nomeados e estruturados dentro dos quais os alcoólatras procuram se integrar (Campos e Ferreira, 2007). Assim sendo, iremos aprofundar a nossa discussão em torno dos estudos que se dedicaram à exploração e análise das estratégias de superação e a construção da identidade, pois estes reflectem o foco deste estudo.

Neste âmbito, a primeira abordagem destaca o papel da família e da educação na recuperação do alcoólatra, mostrando como se podem desenvolver estratégias no sentido da superação do estado de alcoólatra. Esta abordagem tem uma base institucionalista, que se demonstra insuficiente para a análise das estratégias desenvolvidas a nível individual, pois retira do

indivíduo esta capacidade, o que constitui uma limitação, pois cada vez mais os indivíduos vão tomando consciência das suas responsabilidades de orientar as suas acções.

Deste modo, a posição que ressalta a construção da identidade e a integração social dos indivíduos por meio da reconstrução da identidade de alcoólatra se mostra mais apropriada para retratar a realidade focalizada neste trabalho. Focalizando o mercado de trabalho, pode-se constatar, a partir do estudo exploratório realizado na REMAR, que uma das principais preocupações dos alcoólatras em recuperação é a sua integração ou reintegração no mercado de trabalho.

Deste modo, os estudos trazidos na fase final da revisão da literatura (Campos 2004, Fonseca e Castro. s/d) orientam-se no sentido de olhar para a integração dos ex-alcoólatras no mercado do trabalho como um questão de integração identitária, visto que, a sua aceitação depende da forma como eles são classificados, isto é, se continuam ou não alcoólatras. Neste sentido, ao pretender-se estudar a integração dos ex-alcoólatras da REMAR parte-se da ideia-base de que estes, estando conscientes de que ao longo do seu tratamento, construíram uma identidade de “alcoólatra doente” e que o imaginário social é caracterizado por preconceitos com relação aos alcoólatras, desenvolvem estratégias de modo a realizar a sua integração no mercado do trabalho.

O pressuposto assumido para o estudo a realizar leva a construir uma pergunta de partida que nos permita conhecer a forma como os ex-alcoólatras procuram integrar-se no mercado de trabalho, estando consciente da identidade de alcoólatras anteriormente construída e incorporada. De forma mais específica questiona-se o seguinte: *Que estratégias os ex-alcoólatras adoptam para se integrarem no mercado de trabalho?*

2.1. Hipótese

Na tentativa de oferecer uma resposta prévia ao problema acima mencionado, concebemos uma hipótese sobre a qual o estudo se incidirá.

H1: Como estratégias, para se integrarem no mercado de trabalho, os ex-alcoólatras manipulam a sua identidade, ocultando a sua condição de ex-alcoólatra, o que faz com que procurem se identificar como pessoas consideradas normais.

2.2. Variáveis

Nesta secção, será feita a correlação das variáveis, e tem-se como:

Dependente: Integração no mercado de trabalho

Independente: Estratégia de ocultação e normalização da identidade alcoólatra.

CAPÍTULO II

2. Enquadramento Teórico e Conceptual

O presente capítulo destina-se à apresentação dos tópicos que compõem o quadro teórico, partindo da teoria de base que orienta o presente trabalho, seguindo com a apresentação dos conceitos relevantes do mesmo e a sua operacionalização.

Em função dos objectivos que se pretendemos alcançar com a realização do presente estudo, valorizando a capacidade da manipulação da identidade que os indivíduos possuem, recorrer-se-á a abordagem da Corrente do Interaccionismo Simbólico, tendo como suporte teórico os pensamentos de Erving Goffman, especificamente no seu livro que ostenta o título “*Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*” (2008).

De um modo geral, como refere Carvalho et al (2010), pode-se dizer que o interaccionismo simbólico constitui uma perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objectos e as outras pessoas, com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas.

Jeon (2004) apud Carvalho et al (2010) enfatiza que para os interaccionistas simbólicos, o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interacções e dos processos. Os interaccionistas argumentam que, para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa de apoderar-se dos significados que são experienciados pelos participantes num contexto particular.

Neste âmbito, a teoria que foi usado como base de referência para o trabalho, ocupa-se especificamente com a questão dos contactos mistos, os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma situação social, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea numa reunião informal. Assim sendo, o estigma, a socialização dos estigmatizados, a manipulação da informação sobre o seu defeito e as reacções encontradas em situações de interacção social são descritas e analisadas ao longo de 158 páginas divididas em 5 capítulos.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Goffman (2008) analisa, nesta obra, os sentimentos da pessoa estigmatizada sobre si própria e a sua relação com os outros ditos “normais”, ocupando-se com a situação da pessoa estigmatizada e com a resposta à situação em que ela se encontra. Explora a variedade de estratégias que os estigmatizados empregam para lidarem com a rejeição alheia e a complexidade de tipos de informação sobre si próprios que projectam nos outros.

O autor tinha a concepção de que a interacção e a reciprocidade ocupam um papel fundamental na sociedade. Assim sendo, a reciprocidade é o princípio que orienta as interacções, pois a expectativa sobre “o outro” e a influência dos actores sociais sobre o comportamento uns dos outros são factores essenciais para as estratégias e as acções individuais.

O autor acrescenta que os rituais de interacção possibilitam a vida social e se caracterizam por serem relações estruturadas que se constroem entre os actores em configurações situacionais e contextuais, sendo que as interacções assumem diferentes formas nos diversos contextos. Neste âmbito, Goffman (2008) investiga a maneira pela qual as pessoas se representam na vida quotidiana e como a identidade social é compreendida.

Ao definir o uso que fará do termo estigma, Goffman afirma que “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos, um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade a outrem” (2008, p.13). E mais adiante acrescenta que “um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (2008, p. 13). Um indivíduo apresenta determinado atributo que o desvaloriza, e outro com quem mantém contacto irá percebê-lo estereotipadamente, isto é, somente por meio do atributo indesejável, sem possibilidade de perceber as suas demais características.

Historicamente, o termo estigma é retirado da história da Grécia antiga, quando era utilizado para se referir a sinais corporais que apontavam algo “de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava” (2008, p. 11). O autor, orientado para as relações face a face, discute as expectativas em relação ao comportamento do outro que existem nestas relações. O papel do “outro” para a organização do indivíduo é problema central e foi detalhadamente discutido por Mead. Goffman (2008) elucida que numa situação em que um indivíduo é apresentado ao outro,

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

este prevê uma série de atributos daquele em acordo com os primeiros aspectos que aquele apresenta.

O conjunto de tais atributos é denominado identidade social. Goffman afirma que em situações como estas (como o contacto inicial com outrem) em geral transformam as preconcepções em expectativas normativas, mantendo exigências rigorosas sobre as condutas do outro. Tais expectativas e exigências configuram o que ele denomina de identidade social virtual. O indivíduo em interação poderá comprovar ou desmentir as expectativas, apresentando a sua identidade social real. Nos casos em que o indivíduo apresenta determinado atributo indesejável, que o descredencia para a relação, apresenta um estigma.

O autor enumera três grupos de estigmas mais comuns na sociedade americana da sua época (são grupos bastante gerais, que podem ser descritos como presentes na sociedade ocidental): as deformidades físicas; as “culpas individuais” que configuram as doenças mentais, homossexualismo, alcoolismo, desemprego, prisão; os estigmas de raça, nação e religião. Dois conceitos fundamentais para a obra “Estigma...”, os de identidade social virtual e identidade social real, podem ser vistos como ancorados nas formulações de Mead. O papel do outro, daquele com o qual alguém interage, é o elemento que influencia fortemente as suas condutas.

O autor parte da ideia de que os indivíduos possuem um conhecimento anterior à interação, que lhes permite conhecer ou ter uma impressão inicial do outro. Esse conhecimento pré-adquirido possibilita também desenvolver estratégias de apresentação visando a percepção produzida neste outro. Sendo que a área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contacto entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo pólo oposto é a intimidade.

Por isso, Goffman (2008) estava preocupado com as informações que os indivíduos transmitem sobre si, com vista a analisar os mecanismos de manipulação da identidade deteriorada, do aspecto da identidade do indivíduo que não condiz com a expectativa e o padrão de normalidade de uma sociedade.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Assim sendo, esta teoria mostra-se como a base que melhor sustenta o presente trabalho de pesquisa, uma vez que se pretende compreender as estratégias que os indivíduos ex-alcoólatras, que passaram pelo processo de reabilitação e que já têm na sociedade uma imagem deteriorada, usam para se integrar no mercado de trabalho, pois argumenta-se que estes indivíduos têm a capacidade de manipular a sua identidade de ex-alcoólatra para se integrarem no mercado de trabalho.

Para tal, um dos conceitos que o autor traz para explicar a manipulação da identidade por parte dos ex alcoólatras denomina de **Acobertamento**. Refere que as pessoas que estão prontas a admitir que têm um estigma (em muitos casos porque ele é conhecido ou imediatamente visível) podem, não obstante, fazer grandes esforços para que ele não apareça muito. O objectivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interação. Acrescenta ainda que, os meios empregados para isso são muito semelhantes aos empregados no encobrimento e, em alguns casos, idênticos, já que aquilo que esconde que é um estigma de pessoas desconhecidas também pode facilitar as coisas frente a quem o conhece.

Para que se possa considerar de maneira sistemática a situação da pessoa desacreditável e o seu problema de ocultamento e revelação, foi necessário, em primeiro lugar, examinar o carácter da informação social e da visibilidade. Antes de continuar, será preciso considerar seriamente um outro factor, a identificação, no sentido criminológico e não psicológico.

Até aqui, a análise da interacção social entre os estigmatizados e os normais não exigiu que os indivíduos envolvidos no contacto misto se conhecessem “pessoalmente” antes de a interacção se iniciar. A manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o “perfil” de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao carácter.

Desta forma, indivíduos conscientes da sua capacidade de projectar uma determinada imagem desejada durante a interacção, manipulam a sua identidade e acções a fim de expressar uma ideia de si mesmos e impressionar os outros. Nesta ordem de ideias, Goffman (2008) acrescenta que esta manipulação da identidade pode se dar por meio de dois elementos: aqueles que são possíveis de controlar e aqueles que são incontroláveis, assim como, quando um indivíduo tem

sentimentos e crenças bastante anormais, é provável que ele tenha preocupações normais e utilize estratégias bem normais ao tentar ocultar essas anormalidades de outras pessoas

Neste âmbito, a representação de um determinado papel na interacção pressupõe uma certa maneira de agir que expressa as informações sobre o indivíduo que ele deseja transmitir. Neste caso, estas serão determinantes para que os que se encontram em sua presença possam se localizar e antecipar as suas expectativas em relação àquele indivíduo bem como antever as expectativas dos indivíduos em relação a eles. Logo, cabe ao actor manipular a sua identidade na representação de forma a projectar uma determinada definição da situação.

2.1. Definição e operacionalização dos conceitos

Esta secção compreende a apresentação dos conceitos centrais que guiam este trabalho e a sua operacionalização, indagando sobre algumas abordagens e mostrando também a abordagem a ser usada para o caso específico do trabalho. Para tal, os conceitos que se propõe a discutir são *Alcoolismo, Trabalho, Identidade e Integração Social*.

2.1.1. Alcoolismo

Com relação a este conceito é importante referir que desde que o alcoolismo começou a ser encarado como uma doença, no século XVIII, e não como um vício, têm surgido centenas de definições, sem que nenhuma delas satisfaça inteiramente aos autores. Dentre estas, existem aquelas menos rejeitadas, que se procuram trazer nesta discussão.

Segundo Cardoso (1996), o alcoolismo é o conjunto de problemas relacionados ao consumo excessivo e prolongados do álcool, que é entendido como o hábito de ingestão excessiva e regular de bebidas alcoólicas, e todas as consequências decorrentes, sendo, portanto, um conjunto de diagnósticos.

A doença do alcoolismo compreende a dependência, a abstinência, o abuso - uso excessivo, porém não continuado - intoxicação por álcool – embriaguez. Assim, o alcoolismo é um termo genérico que indica algum problema, mas na parte médica, para maior precisão, é necessário

apontar qual ou quais distúrbios estão presentes, pois geralmente há mais de um, tais como mental, comportamental e social (Cardoso, 1996).

Por sua vez, Drumond (1998) defende que o alcoolismo está inserido num campo mais amplo de substâncias psicoactivas, qual seja o das drogas. Pode-se conceituar o alcoolismo como sendo uma doença crónica provocada pelo vício da ingestão excessiva e regular de bebidas alcoólicas que leva a uma dependência com todas as conseqüências decorrentes. Acrescenta o autor que o paciente alcoólatra é movido por um desejo incontável de consumir bebidas alcoólicas numa quantidade que afecta de maneira relevante não somente a própria saúde, mas também a sua parte económica, social e familiar. O consumo de substâncias psicoativas é um importante problema de saúde pública em todo o mundo, sendo o álcool a mais utilizada pela população (Drumond, 1998).

As duas definições de alcoolismo apresentadas trazem elementos relevantes a serem operacionalizados neste estudo, principalmente, quando consideram todas as conseqüências decorrentes do consumo excessivo do álcool, o que permite ver a integração como um dos problemas decorrentes. Neste trabalho, sem fugir das definições trazidas, define-se alcoolismo como sendo o estado do indivíduo caracterizado pelo consumo excessivo do álcool e de dependência em relação a este, como as conseqüências que resulta desse estado.

2.2.2. Trabalho

De acordo com Giddens (2001) nas sociedades modernas ter emprego é importante para manter a sua autoestima, mesmo que lugares em que as condições de trabalho são relativamente desagradáveis, e as tarefas monótonas o trabalho tende a representar um elemento estruturador na composição psicológica das pessoas e no ciclo das suas atividades diárias.

O trabalho apresenta diversas características: **Dinheiro-** um ordenado ou salario e o principal recurso do qual muitas pessoas dependem para satisfazerem suas necessidades. **Nível de atividade-** o trabalho proporciona uma base para a aquisição e o exercício de aptidões e das

habilidades, e oferece um ambiente estruturado no qual as energias do indivíduo podem ser absorvidas. **Variedade-** o trabalho proporciona um acesso a contextos que contrastam com o meio doméstico. No ambiente de trabalho, mesmo quando as tarefas são relativamente monótonas, as pessoas podem acabar gostando de executá-las por serem diferentes dos afazeres domésticos.

Estrutura temporal- para quem tem um emprego regular, o dia normalmente se organiza em torno do ritmo do trabalho, oferecendo um senso de direção nas atividades diárias e aqueles que não têm um emprego, geralmente acham que o tédio é um grande problema e desenvolvem um senso de apatia com relação ao tempo. **Contactos Sociais-** o ambiente de trabalho muitas vezes proporciona amizades e oportunidades de participação em actividades comuns com outras pessoas, sendo que fora do cenário profissional é provável que se restrinja o círculo de possibilidades de fazer amigos e conhecer pessoas. **Identidade pessoal-** normalmente, valoriza-se o trabalho pela sensação de identidade social estável que ele oferece, onde no caso de homens, em particular, a auto-estima está em geral estreitamente relacionada á sua contribuição econômica para o sustento do lar.

Diante desta lista, não é difícil perceber porque a falta de um emprego pode enfraquecer a confiança em seu valor social. Desta feita o autor refere que podemos definir o trabalho , quer que seja ele remunerado ou não, como a execução de tarefas que requerem o emprego do esforço mental e físico, cujo objectivo é a produção de mercadorias e serviços que satisfaçam as necessidades humanas.

2.2.3 Identidade

O conceito de identidade é constantemente reatualizado dentro do campo científico pelo que não há nenhuma necessidade de remontar a definições passadas e ultrapassadas, assim como aquelas que têm origem noutros campos de conhecimento como o da psicologia e antropologia.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Na sociologia existem definições suficientes que permitem desenvolver uma profunda discussão. Assim, recorreremos a Claude Dubar, Zygmunt Bauman e Stuart Hall,.

Assim sendo, Dubar (1997) concebe a identidade como o resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Para ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro. Porém, essa relação entre ambas é problemática, pois não se pode viver directamente a experiência do outro, e ocorre dentro do processo de socialização.

O autor afirma que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (Dubar, 1997, p. 104). Essa afirmação o aproxima de Ciampa (1987), quando diz que a identidade se constrói na e pela actividade. Acrescenta ainda o autor que a identificação vem do outro, mas pode ser recusada para se criar outra. De qualquer forma, a identificação utiliza categorias socialmente disponíveis (Dubar, 1997).

Nessa ordem de ideias, o processo de constituição da identidade, para Dubar (1997), que prefere falar em formações identitárias, visto entender que são várias as identidades que assumimos, se constitui em um movimento de tensão permanente entre os actos de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é e que o autor denomina de identidades virtuais) e os atos de pertença (em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas).

Dubar (1997) sintetiza a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro diz respeito à identidade para o outro, em que as transações assumem um carácter mais objetivo e genérico; enquanto o biográfico corresponde à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreende as identidades herdadas e identidades visadas. Desse modo, os processos relacional e biográfico concorrem para a produção das identidades. A identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois

processos e a dialética estabelecida entre eles é o cerne da análise sociológica da identidade para esse autor.

Outro autor que discute o conceito de identidade, embora numa realidade específica, é Bauman (2005) centrando-se pós-modernidade. Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, ou seja, o “eu” postulado. Para ele, as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Existem dois tipos de comunidades: as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e as comunidades de ideias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se põe nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Ainda segundo este autor, a identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas. Esse fato, contudo, é recente. O pensar sobre se ter uma identidade não ocorre enquanto se acredita em um pertencimento, mas quando se pensa em uma atividade a ser continuamente realizada. Essa ideia surge da crise do pertencimento (Bauman, 2005).

A essência da identidade constrói-se em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras e considerando-se esses vínculos estáveis. O habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. Não se pode evitar sua ambivalência: ela é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se (Bauman, 2005).

Na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas (Bauman, 2005). Com isso, só se pode falar em construção identitária enquanto experimentação infundável.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Seguindo a mesma linha de argumentação de Bauman (2005), porém, interessado na identidade cultural, está Hall (2006) que apresenta o conceito do qual denomina “identidades culturais” como aspectos de identidades que surgem do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Nesta perspectiva, Hall (2006) entende que as condições actuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. (Hall, 2006: p. 9). Tais transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios: esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito (Hall, 2006). Esse duplo deslocamento, que corresponde à descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, é o que resulta em "crise de identidade.

Segundo Hall (2006), há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada *identidade do sujeito do Iluminismo*, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica.

A *identidade do sujeito sociológico*, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, que se transformou na concepção clássica de sujeito na Sociologia, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. Ainda permanece o núcleo interior, mas este é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. Assim, o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo.

Por último, apresenta a concepção de *identidade do sujeito pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a

influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. A visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos, e o sujeito adere a identidades diversas em diferentes contextos, que são, via de regra, contraditórias, impulsionando suas ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são continuamente deslocadas.

Frente à multiplicidade de significações e representações sobre o que é o homem na pós-modernidade, o sujeito se confronta com inúmeras e cambiantes identidades, possíveis de se identificar, mas sempre de forma temporária. Logo, o sujeito pós-moderno se caracteriza pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Apesar desta visão de sujeito soar como perturbadora, visto que, apresenta o carácter de incerteza e imprevisibilidade resultante do deslocamento constante, segundo Hall (2006), ela tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos.

Estas não são, nem de longe, todas as definições susceptíveis de serem identificadas dentro do campo da sociologia, todavia, compreender que para o enriquecimento do conceito para sua operacionalização neste trabalho. As definições de Baumann e Hall reflectem muito da realidade actual, a radicalizam, pois nem em toda a realidade vive-se essa ambigüidade e liquidez identitária. Neste sentido, segue-se, neste estudo a definição de Dubar, assim como é apresentada pelo autor, considerando a interacção entre a dimensão objectiva e subjectiva da realidade, assim a capacidade do autor interiorizar e exteriorizar traços que compreende serem a partir dos quais os outros devem lhe definir. O segundo ponto é o facto de considerar a dimensão biográfica e relacionar, pois os ex-alcoólatras têm uma história própria que ajuda na sua interacção no local de trabalho do ponto de vista da sua afirmação identitária.

2.2.4 Integração Social

Para a discussão do conceito de integração social atribui-se maior participação a abordagem funcionalista e a interaccionista imbuída de certo carácter sistémico, trazidas por Alexander e Clough respectivamente.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

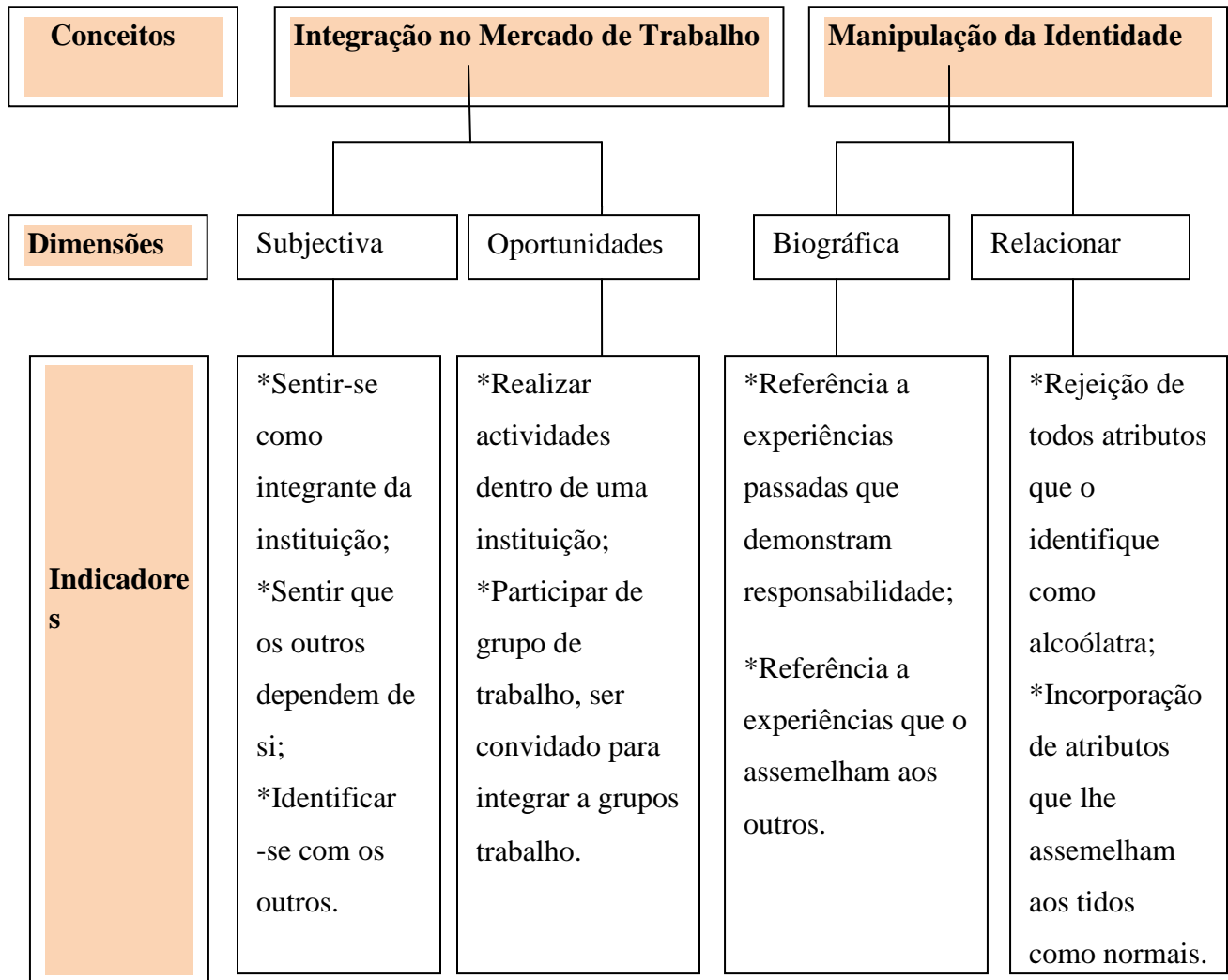
Alexander (1988) afirma que dentro do funcionalismo o conceito de integração tem sido usado em três sentidos: a medida em que um indivíduo se sente como membro de um grupo social por partilhar as suas normas, valores, crenças, etc. Corresponde ao sentido de uma das duas principais variáveis que Durkheim utilizou para explicar a taxa de suicídio; a medida em que as actividades ou funções das diferentes instituições da sociedade se complementam ou se contrariam.

Integração pode também referir-se, diz Alexander (1988), a instituições específicas que coordenam a actividade de subsistemas da sociedade e promovem a sua complementaridade. A linguagem escrita ou o sistema legal formal são exemplo deste tipo de instituições de integração que constituem pré-requisitos ou imperativos funcionais de qualquer sistema social.

De acordo com Clough (2000), dentro o entendimento da teoria dos sistemas pode-se considerar a integração como um processo de interacção entre uma das partes e outras partes de um todo e com este todo, assumindo essa interacção episódios de interdependência positiva (solidariedade), mas também de tensão e confronto (conflitualidade). Nesse sentido, a integração (social) de que aqui se fala é o processo que viabiliza o acesso às oportunidades da sociedade, a quem dele estava excluído, permitindo a retoma da relação interactiva entre uma célula (o indivíduo ou a família), que estava excluída, e o organismo (a sociedade) a que ela pertence, trazendo-lhe algo de próprio, de específico e de diferente, que o enriquece e mantendo a sua individualidade e especificidade que a diferencia das outras células que compõem o organismo.

As perspectivas funcionalista e interaccionista são a base da discussão do conceito de integração. Mesmo perspectiva que emergiram a posterior partiram destas duas. Neste estudo, em função da abordagem teórica que se assume (interaccionismo de Goffman) vai-se pautar pela definição de Clough, considerando a integração como o processo a partir do qual os indivíduos voltam a desfrutar das oportunidades disponíveis na sociedade, estabelecer relação (partilhar mesmo espaço, mesmas actividades, etc) com os outros, assim como sentir-se pertencente e aceite a este espaço.

2.5. Modelo de Análise



CAPÍTULO III

3. Metodologia

Esta fase do trabalho corresponde a parte da metodologia. Assim sendo, trata da maneira como será sistematizado e organizado o estudo, com a finalidade de orientar, através de métodos e procedimentos, o caminho necessário à recolha e interpretação dos dados no contexto científico. Neste caso, a metodologia compõe-se de um conjunto de conhecimentos intrínsecos, que visam conduzir o processo de pesquisa e fornecer ferramentas apropriadas para a obtenção das informações necessárias ao alcance dos objectivos estabelecidos.

Visto que a pretensão deste trabalho é de compreender as estratégias que os ex-alcoólatras adoptam para se integrarem no mercado de trabalho, que pressupõe captar suas experiências, escolheu-se a metodologia qualitativa, que permitiu, no entanto, perceber a interação social com base nas experiências que se expressam através do discurso na vida quotidiana destes indivíduos.

Uma vez que, segundo Richardson (1999: p. 79), “o método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema, não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas”, na pesquisa, vê-se, este método, como adequado para entender a natureza de um fenómeno social com profundidade.

3.1. Método de Abordagem

Como método de abordagem, optamos pelo hipotético-dedutivo que foi desenvolvido por Karl Popper, que partiu da percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual se formulam hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenómenos abrangidos pela hipótese (Marconi e Lakatos, 2006, p. 106).

No método hipotético-dedutivo, o cientista combina observação cuidadosa, habilidade nas antecipações e intuição científica, para alcançar um conjunto de postulados que regem os fenómenos de interesse; a partir daí, deduz as consequências observáveis e verifica as

consequências por meio de experimentação, refutando ou substituindo os postulados, quando necessário, por outros e assim prosseguindo.

O método hipotético-dedutivo constitui a abordagem escolhida pelo facto do estudo partir de um modelo de análise construído a partir da realidade concreta captada por meio do estudo exploratório e que conduzirá a pesquisa, assumindo-o como sendo hipotético. Este método possibilitou deixar que sejam os dados recolhidos a orientar as constatações do estudo, sem minar a sua objectivação, o que se mostra muito relevante pelo facto de se pretender retratar uma realidade cuja definição tem sido feita com base em preconceitos sociais.

3.2. Método de Procedimento

Como método de procedimento para o trabalho privilegiou-se o monográfico, sendo que de acordo com Gil (2008), o método monográfico é aquele que busca estudar de forma aprofundada um determinado fenómeno com o objectivo de retratar todas as suas dimensões. Este método possibilitou retratar o fenómeno (identidade) que se apresenta na dimensão subjectiva. Assim, este método permitiu apreender o problema, isto é, a forma como o estigma sofrido pelos ex-alcoólatras os orienta a manipular a sua identidade para se integrarem no mercado de trabalho.

3.3. Técnicas de Recolha de Dados

Para a recolha de dados optou-se pelas entrevistas semi-estruturadas em profundidade, pois esta é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. Assim sendo, para colher as informações relevantes para o estudo esta técnica permitiu que os entrevistados não se limitassem apenas em responder as questões colocadas, e conforme as respostas dadas na entrevista, teve-se a possibilidade de suscitar outras questões de acordo com o rumo da conversa.

Complementando a entrevista em profundidade, utilizou-se a técnica da história de vida que permitiu captar o que aconteceu na intersecção do indivíduo com o social, assim como possibilitou relacionar as situações presentes e as situações passadas. Pode-se, assim, dizer que a

vida olhada de forma retrospectiva facultou uma visão total de seu conjunto, e que foi o tempo presente que tornou possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. É o que, em outras palavras, nos diz Soares (1994) quando discute as articulações entre os conceitos vida e sentido: “Somente a posterior podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em experiência” (Soares, 1994: 23).

3.4. Grupo Alvo

O grupo-alvo do estudo foi constituído por indivíduos ex-alcoólatras que foram tratados no centro de tratamento da REMAR e que actualmente não têm emprego. Especificamente, no estudo, trabalhou-se com um grupo constituído por um universo de 09 ex-alcoólatras, visto que o objectivo não é multiplicar ou somar experiências, mas explorar alguns casos, que vão permitir captar as estratégias de integração no mercado de trabalho.

Para a identificação e selecção dos ex-alcoólatras entrevistados recorreu-se a amostragem não probabilística por acessibilidade. Este método mostrou-se apropriado para a realidade que se pretendia estudar do ponto de vista da identificação dos indivíduos, visto que, numa primeira fase a selecção foi feita em função dos entrevistados, tendo-se posteriormente usado a amostragem não probabilística por *bola de neve*, sendo que quando estabelecemos o contacto com os primeiros entrevistados estes nos possibilitaram e facilitaram o contacto com outros ex-alcoólatras que aceitaram participar da entrevista.

Depois de identificados os indivíduos ex-alcoólatras trabalhou-se com aqueles que não têm emprego e que se mostraram disponíveis para integrar o grupo de entrevistados. Gil (2008) afirma que a amostra por conveniência consiste em seleccionar os indivíduos em função da sua disponibilidade e é muito usada em casos nos quais os indivíduos dificilmente se apresentam abertos para integrar a amostra.

CAPÍTULO V

4. Análise e Interpretação dos Dados

Nesta parte do trabalho fez-se a apresentação, análise e a discussão dos dados recolhidos no campo junto de indivíduos do sexo masculino, que tendo sido alcoólatras passaram pelo centro de reabilitação. O objectivo deste capítulo é de compreender as estratégias que os ex-alcoólatras adoptam para se integrarem no mercado de trabalho. Deste modo, organizamos o presente capítulo em quatro secções, iniciando com os dados sociodemográficos dos entrevistados; seguindo-se sobre a percepção que estes indivíduos têm em relação ao seu estado de ex-alcoólatra; posteriormente apresentamos os constrangimentos encontrados pelos ex alcoólatras na tentativa de integração no mercado de trabalho; e, as estratégias adoptadas para materializar esta integração.

4.1. Perfil sociodemográfico dos Entrevistados

Tendo-se limitado o grupo-alvo a indivíduos do sexo masculino não se usou a categoria sexo nem local de trabalho, visto que, os entrevistados se encontram na condição de desempregados, com a excepção de um que é comerciante. Com efeito, limitou-se às seguintes categorias idade, residência, nível académico, estado civil, profissão e formação profissional.

Assim sendo, as idades dos entrevistados variam dos 22 aos 36 anos. Deste modo, somente um se encontra na situação de casado, e os restantes oito na situação de solteiros. Quanto os bairros de residência, constatamos que dois residem no mesmo bairro, 25 de Junho, sendo que os restantes vivem nos bairros de Laulane, Polana Caniço, Malhapsene, Central B, George Dimitrov e distritos de Marracuene e Boane.

Quanto ao nível académico, os entrevistados apresentam níveis que se encontram entre o básico, médio e universitário. Encontramos a 10^a, 11^a e 12^a classe apresentados por três interlocutores respectivamente. Quanto ao nível superior, 1 se encontra neste momento a frequentar o 3^o ano de Engenharia civil, o outro 4^o ano de Contabilidade, outro, ainda, o 3^o de Medicina e os restantes dois 1^o e 3^o de Gestão financeira, respectivamente.

Dentre os entre os interlocutores, encontramos quatro, que para além de estarem a frequentar curso de formação profissional, apresentam uma formação profissional extra. Um fez o curso de informática, outro o curso de formação bancária e dois o curso de inglês. Não obstante, alguns estarem a frequentarem níveis superiores de formação académica e formação profissional, todos partilham a mesma situação no que diz respeito ao seu vínculo formal com uma instituição de trabalho.

No que tange a situação social dos entrevistados, verificamos que todos provêm de famílias pobres, sendo que a maioria habita em casas de material de construção precário e todos se encontram na situação de desempregados, sendo que só um é que tem uma actividade rentável, dedicando-se ao comércio de diferentes artigos.

Os dados sóciodemográficos apresentados anteriormente não apresentam muita diferenciação entre os entrevistados, como podemos verificar na faixa etária, nos níveis académicos, no estado civil, assim como na condição quanto ao mercado de trabalho. Sendo assim, justifica-se o facto de termos constatado que estas variáveis não influenciam nos dados referentes aos pontos que levantamos nas próximas linhas.

4.2. Percepção do Estado de Alcoólatra e Ex Alcoólatra

Nesta secção, procurou-se retratar a percepção dos entrevistados no que tange ao estado de ex-alcoólatra como uma forma de aprofundar a ideia que têm da sua condição. A percepção social constitui um meio a partir do qual os indivíduos dão existência a realidade e, em certas circunstâncias, orientam suas acções (Figueiredo, 2010). Deste modo, a forma como os indivíduos lidam com a sua situação de alcoólatra e ex-alcoólatra podem ter adjacente a percepção que constroem sobre estes estados.

4.2.1. Percepção do Estado de Alcoólatra

Iniciou-se a exploração das percepções procurando saber sobre a concepção de alcoólatra que os entrevistados têm sobre o ser alcoólatra, pelo que nos foi possível identificar duas formas de conceber o alcoólatra, por um lado percebem o alcoólatra como dependente de bebidas alcoólicas, e por outro lado como indivíduos sem responsabilidade.

4.2.1.1. Alcoólatra como dependente de bebidas alcoólicas

Estando o alcoolismo ligado ao consumo do álcool, os entrevistados reduzem o estado de alcoólatra à dependência do álcool, como se tratando de um indivíduo que não suporta ficar um tempo sem ingerir bebidas alcoólicas. Esta é uma das percepções que os entrevistados têm sobre o estado de alcoólatra, como podemos constatar nos dois depoimentos que passamos a citar a seguir:

“É uma pessoa que está sempre a beber, e que é um dependente da bebida para viver e não consegue para de beber” (Entrevistado 4, 27 anos idade)

“Um alcoólatra é alguém dependente da bebida porque acha que bebendo pode mostrar aos outros que e homem com "H" maiúsculo” (Entrevistado 6, 23 anos de idade)

Esta percepção de alcoólatra revela uma construção positiva da identidade do alcoólatra. Referimo-nos a construção positiva da condição de alcoólatra ao processo segundo o qual os membros dos centros de recuperação são levados a se reconhecer como doentes alcoólicos em recuperação, sendo que este constitui um dos primeiros passos dos centros de recuperação, que consiste em levar o alcoólatra a aceitar a sua condição e reconhecer a necessidade de acompanhamento.

Visto que, no processo de recuperação os membros dos Alcoólicos Anónimos (AA), são introduzidos numa ordem de significados que permite a construção de uma identidade de doentes alcoólicos em recuperação em oposição à imagem do “bêbado” e do “cachaceiro” dos tempos do alcoolismo activo (De Campos, 2004).

Nesta ordem de ideias, podemos verificar que a concepção do alcoólatra como um viciado, que não pode viver ou ficar muito tempo ingerir bebidas alcoólicas demonstra a passagem de uma imagem negativa para positiva, pois, como nos informa De Campos (2004), o doente é aquele que reconhece a sua situação como de viciado sobre a qual não tem nenhum controle, pelo que necessita e se abre á ajuda de outros.

Em função do reconhecimento do alcoólatra como dependente do álcool, os entrevistados afirmam que os indivíduos neste estado manifestam comportamentos específicos. Nos foi

possível identificar atributos como, *violento, agressivo, consumo descontrolado, que procura motivos para beber, que não sai do bar*. Em resumo, todos estes atributos reflectem um estado no qual o indivíduo se torna dependente de bebidas alcoólicas.

4.2.1.2. Alcoólatra como Irresponsável

O estado do alcoolismo implica, de acordo com Filha et al (2012), a redução da capacidade para o desempenho de muitas actividades que são responsabilidade do indivíduo alcoólatra. Esta dimensão das práticas do alcoólatra leva os entrevistados a terem a percepção de que este estado implica a falta de responsabilidade, ou seja, o alcoólatra é aqui visto como um indivíduo irresponsável. O depoimento de um dos entrevistados que assume este posicionamento é ilustrativo do que estamos a afirmar, como podemos aferir a seguir:

“É alguém que bebe álcool e não sente nenhuma culpa, e que faz isso sempre que lhe apetece, e assim se torna irresponsável porque já não tem muita noção do mal que está a trazer para a sua vida” (Entrevistado 3, 32 anos de idade)

A ideia da irresponsabilidade do alcoólatra, revela o seu lado negativo e uma reprodução dos atributos estritamente morais e estigmatizantes construídos e alimentados pelo imaginário social, no qual alcoólatra é aquele indivíduo irresponsável em todos seus actos. Da concepção do alcoólatra como irresponsabilidade resulta, igualmente, um comportamento caracterizado pela irresponsabilidade quanto aos papéis sociais que lhe são incumbidos na sociedade, especificamente no contexto familiar, onde, de acordo com Filha et al (2012), se reflectem as primeiras decepções com relação as expectativas construídas e alimentadas.

O caso do entrevistado 7 reflecte essa situação na qual foi dentro da família onde se fizeram sentir os efeitos negativos do alcoolismo. Vejamos como este faz menção a essa ocorrência:

“As pessoas ficam decepcionadas quando sabem que alguém é alcoólatra, eu, por exemplo, tive a minha relação com a minha esposa por um tempo terminada por causa do álcool, porque eu deixava ela de lado por causa de um copo, ai ela preferiu sair de casa... Mas já estamos juntos.” (Entrevista 7, 36 anos de idade)

Este depoimento leva-nos a confirmação das afirmações de Filha et al (2012) apresentadas no seu estudo no que constatou-se que o estado de alcoólatra resulta no disfuncionamento das

relações familiares, gerando uma situação conflituosa e constrangedoras para seus membros que não encontram formas específicas de lidar com o alcoolismo. A família do alcoólatra experimenta prejuízos em diversas áreas decorrentes de altos níveis de conflito e tensão, onde as pessoas mais próximas tornam-se vítimas expressas deste mundo de sofrimentos, dificuldades, indecisões e desilusões (Filhos, et al, 2012).

Para o caso específico deste estudo a situação revela que foi a mulher do alcoólatra que experimentou o sofrimento decorrente do estado do alcoólatra do marido, tendo optado pelo abandono da casa depois de muito tempo ter sido trocada pelos copos, para usar as palavras expressas no depoimento anteriormente apresentado.

4.2.2. Percepção do Estado de ex-alcoólatra

Nesta secção exploramos a percepção que os entrevistados têm sobre o seu estado de ex alcoólatra, assim como, debruçamo-nos sobre a ideia que os outros constroem sobre os ex alcoólatras como forma de chegar a sua relação com o mercado de trabalho. Assim, os dados recolhidos permitiu-nos identificar que existem dois tipos de posicionamentos: por um lado, alguns entrevistados reconhecem que existem pessoas que os eternizam ao estado de alcoólatras (os classificam como alcoólatras mesmo que tenham passado pelo centro de reabilitação) e por outro lado, os outros entrevistados assumem que são vistos como indivíduos recuperados.

4.2.2.1. Eternização do Estado de Alcoólatra

Na secção anterior foi-nos possível constatar que os entrevistados afirmaram que o estado de alcoólatra é normalmente associado a irresponsabilidade e ao consumo exacerbado de álcool. Nessa secção podemos verificar que estas percepções são reproduzidas pelos outros, reduzindo o ex-alcoólatra ao seu estado de alcoólatra.

Na perspectiva dos interlocutores, a sociedade reduz o ex-alcoólatra ao seu estado anterior – a de alcoólatra. Quando questionados sobre a forma como os outros olham para o ex-alcoólatra, estes afirmam que no seu dia-a-dia são olhados com desprezo, maus olhares, sem compaixão, decepção, como podemos verificar nos depoimentos a baixo:

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

“Olham muito diferente com desprezo, como se por um dia ter sido alcoólatra torna a pessoa marginal, bandido, sem juízo” (Entrevistado 1, 26 anos de idade).

“Eu penso que olham mal porque não esperava aquele tipo de atitudes em relação a nós, e a minha namorada terminou comigo quando descobriu que eu era” (Entrevistado 2, 32 anos de idade).

As diferentes formas como os outros olham para os ex-alcoólatras transformam este estado num estigma. De acordo com Goffman (2008), os indivíduos ou grupos sociais constroem um conjunto de normas e valores que consideram normais a partir dos quais classificam os outros. Deste modo, todos aqueles que não apresentam características que preencham estes padrões considerados normais são olhados com desprezos até mesmo negativamente categorizados.

Contudo, os outros que olham os ex-alcoólatras de forma negativa são aqueles que têm conhecimento da sua condição, visto que, do ponto de vista da classificação *Goffmaniana*, estes apresentam um estigma que lhes coloca na categoria de desacreditável. O desacreditável é aquele indivíduo que tem características distintas das dos normais, mas nem sempre conhecidas e percebidas por eles (Goffman, 2008). Esta situação dos entrevistados lhe dá mais possibilidade de manipular sua identidade, no sentido de não revelar a sua condição de ex-alcoólatra, como veremos e aprofundaremos nas linhas mais adiante.

Seguindo esta lógica de raciocínio, quando questionados sobre a possibilidade ser empregado no mercado de trabalho, os ex-alcoólatras desta categorias têm a percepção de que as entidades empregadoras não podem dar trabalho aos indivíduos na condição de ex-alcoólatra, sendo que, podem ter uma ideia negativa deste ou este pode ter um comportamento que não mereça confiança, como podemos aferir nos dois depoimentos apresentados a seguir:

“Eu acho que não, porque acham que não temos capacidade mental e física como os outros.” (Entrevista 1, 26 anos de idade).

“Não podem dar trabalho. O maior problema é porque quando somos reabilitados não somos curados totalmente, mas como reabilitados já conseguimos nos controlar já temos consciência do mal de beber muito traz. Então, a culpa não é da empresa também é do ex alcoólatra se por acaso ele depois de reabilitado volte a ter esse vício de beber e comece a

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

faltar no serviço, assim a empresa não pode confiar em alguém assim” (Entrevista 2, 32 anos de idade)

Essas formas de olhar para a potencial atitude das entidades empregadoras são justificáveis a partir de duas bases distintas. Primeiro a possibilidade de não se dar trabalho a um ex-alcoólatra justifica-se pela percepção “errada”⁴ ou estigmatizante das entidades empregadoras sobre os indivíduos nesta condição. Para os entrevistados, as entidades empregadoras estigmatizam os ex-alcoólatras, reduzindo as suas capacidades produtivas. De acordo com Martins (2008), a ideia que as entidades empregadoras constroem dos ex-alcoólatras têm uma base factual, na medida muitos dos indivíduos na situação do consumo excessivo do álcool têm enfrentado grandes complicações na vida profissional derivada da incapacidade de controlar o seu desejo que ainda sobrevive no interior.

Afirma Martins (2008) que o alcoolismo faz com que os indivíduos apresentem baixo rendimento de trabalho nas tarefas ou funções executadas, o que faz com que, por ordem superior, sejam levados a interrupção das suas actividades devido ao facto de se apresentarem ao serviço em estado de embriaguez, levando, em casos extremos, mesmo ao despedimento. Os dados que recolhemos num dos casos analisados comprovam os dados do estudo de Martins (2008). No caso do Entrevistado 3 (31 anos de idade) que reconhece o facto de ter visto o seu contracto rescindido pelo facto de a empresa ter descoberto que consumia bebidas alcoólicas excessivamente durante as horas de almoço.

Nesta ordem de ideia, prevalece o receio das entidades empregadoras no sentido de confiarem na positiva recuperação dos ex-alcoólatras. Contudo, nem todos os entrevistados recorrem a mesma base argumentativa para sustentar a sua percepção de que não se pode dar trabalho aos ex-alcoólatras. A segunda base argumentativa remete ao próprio indivíduo, assumindo-se que o problema reside no facto de os centros de recuperação reabilitar e não curar os alcoólatras da doença – alcoolismo.

⁴ A designação “errada” é aplicada no sentido de reflectir a posição dos entrevistados, sem que isto reflecta a tomada de posição do autor com relação a negatividade ou positividade da percepção das entidades empregadoras sobre o comportamento dos ex-alcoolatras.

Deste ponto de vista os ex-alcoólatras assumem a culpa, antecipadamente, dos possíveis erros ou desvios susceptíveis de ocorrerem no local de trabalho, pelo que, partilham o receio dos empregadores e o legitimam. Os indivíduos nestas condições incorporam a classificação de irresponsabilidade atribuída aos ex-alcoólatras. Se de um lado os entrevistados reconhecem que é possível e justificável que lhes seja negado o trabalho pelo facto de serem alcoólatras, por outro, legitimam o receio dos empregadores.

4.2.2.1. O Alcoólatra como Recuperado

Nem todos os entrevistados vivenciam as mesmas experiências, o que é natural, pois cada indivíduo tem uma experiência particular. Ainda, referente a forma como os outros olham para os ex-alcoólatras, podemos constatar que o outro grupo afirma que são olhados com normalidade ou mesmo como recém-recuperados, como podemos verificar nos dois depoimentos apresentados a seguir:

“Outras olham-me normalmente” (Entrevista 4, 27 anos de idade)

“Olham como uma pessoa que se recuperou do alcoolismo” (Entrevista 9, 22 anos de idade).

Estes depoimentos reflectem espaços nos quais vão se construindo novas formas de conceber o alcoolismo, espaços estes que veem se desenvolvendo nos últimos anos, tornando as pessoas mais conscientes de que o alcoolismo é uma doença que não sendo curável de uma vez por todas, é possível de ser controlável por parte do alcoólatra e deixando-os optimistas quando há esta possibilidade de controle.

Em função desta percepção partilha-se, nesta categoria, a ideia de que existe sim grande probabilidade de os ex alcoólatra serem empregados no mercado de trabalho. Podemos constatar esta percepção nos dois depoimentos apresentados a seguir:

“Podem dar emprego ao ex-alcoólatra, porque o alcoolismo foi uma fase que ninguém gostaria de voltar por causa das consequências que tem para a pessoa, destroem-se aqueles laços familiares” (Entrevista 3, 31 anos de idade).

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adoptada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

“Sim podem dar, porque quando se diz ex-alcoólatra é porque já se encontra bem de saúde” (Entrevista 5, 28 anos de idade).

Os depoimentos apresentados anteriormente demonstram a consciência positiva que os entrevistados têm de si pelo facto de terem passado pelo centro de recuperação. Podemos verificar que esta passagem constitui a base de justificativa para acreditar que podem ser empregados. Assim, qualquer atributo que tende a reduzir, sob ponto de vista de uma identidade virtual – para usar a designação de Goffman (2008) – não é incorporado pelos entrevistados deste grupo.

Do ponto de vista da percepção deste grupo, qualquer perspectiva que tenda a reduzir os ex-alcoólatras á atributos negativos tais como irresponsável são ilegítimas, considerando o facto de já terem passado pelo processo de recuperação e estarem numa fase na qual se encontram em condições de controlarem os seus desejos de consumo de bebidas alcoólicas, assumindo um comportamento responsável.

É nesta mesma ordem de argumentação que torna-se, na perspectiva destes entrevistados, injustificável que as entidades empregadoras não dêem emprego aos ex-alcoólatras. Neste ponto, afirma-se que o trabalho seria uma forma de fazer com que o indivíduo que tenha passado pela situação de alcoólatra tenha a possibilidade de crescer profissionalmente, pois seria esta uma oportunidade de superar a sua ex-condição, ganhando responsabilidade sobre algumas actividades que lhes serão atribuídas na instituição laboral. Ora vejamos como o depoimento a seguir representa este posicionamento:

“Eu acho que não se justifica porque o ser humano sempre comete falhas em alguma fase da sua vida. A empresa estaria a dar uma oportunidade para crescer profissionalmente fazer com ele ganhe mais responsabilidade sobre algumas funções dentro do trabalho” (Entrevistado 4, 27 anos de idade).

A semelhança dos entrevistados que reconhecem que são mal vistos, os desta categoria apresentam um seguimento lógico, na medida em que tendo a percepção de que as entidades empregadoras podem dar emprego aos ex-alcoólatras, condenam as empresas que recusam trabalho á indivíduos pelo facto de terem sido alcoólatras um dia. Do ponto de vista de Goffman (2008), os entrevistados ao invés de olharem a eles mesmos como desviantes, olham para as

entidades empregadoras como os desviantes, visto que, uma vez que se encontram na situação de recuperados não se justifica que sejam tratados como se ainda estivessem na condição de alcoólatras.

Todas estas percepções reflectem uma informação que os indivíduos têm sobre situações nas quais ocorre, o que Goffman (2008) designa de encontros mistos, o que lhe possibilita delinear formas específicas de acção ou reacção a eventual estigmatização, como veremos mais adiante. Todavia, neste capítulo, nos foi possível constatar, a partir da análise e interpretação das percepções sobre a condição alcoólatra e ex-alcoólatra que dividem em dois grupos tanto no que tange a concepção de alcoólatra, suas características, assim como a forma como os outros (efectivado) e as instituições empregadoras (em potencial) olham ou para os ex-alcoólatras.

De uma geral, uma parte dos entrevistados concebe o ser alcoólatra como uma doença que conduz ao comportamentos desviante, afirmando que as pessoas naturalizam esta imagem ao ponto de reduzirem o ex-alcoólatra á tratamentos depreciativos, o que serve para justificar a possibilidade de se recusar trabalho as pessoas neste estado. Outra parte percebe que o alcoólatra é visto como alguém que se recuperou do alcoolismo, pelo que não se justifica a recusa de trabalho a indivíduos neste estado.

4.3. Estigma como um Constrangimento na integração no mercado de trabalho

Nesta secção, analisamos e interpretamos os dados referentes aos constrangimentos enfrentados pelos entrevistados ao longo da busca da sua integração no mercado de trabalho, considerando como base, o facto de se encontrarem na condição de ex-alcoólatra. Assim, nos limitamos a apresentação e a análise dos dados recolhidos em entrevistados que afirmaram já ter passados por constrangimento na procura por trabalho.

Argumenta-se que a estigmatização é uma realidade pela qual passam os indivíduos portadores de características apontadas como desviantes dos padrões normalmente estabelecidos, aceites e

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

partilhados pelos grupos sociais (Goffman, 2008). O facto de a sociedade ter conhecimento de que o estado de alcoolismo pode degenerar em efeitos negativos, faz com que as pessoas tomem posições defensivas de modo a prevenir-se contra essas ocorrências. É nesse sentido, que os indivíduos procuram evitar o risco de sofrerem consequências negativas de comportamentos alcoólatras, estabelecendo limites nas formas de se relacionar com os ex-alcoólatras.

Os dados obtidos revelam a existência de situações nas quais podemos constatar que os entrevistados passaram pela estigmatização quando procuram pelo trabalho. Estas ocorrem nas relações que ex-alcoólatras travam com pessoas íntimas nas quais vêm solicitando trabalho.

Assim nesta secção, interessam-nos as pessoas com quem os ex-alcoólatras têm uma relação de afinidade pelo facto de que ao longo da procura pelo emprego, os entrevistados terem afirmado como estas pessoas desempenham um papel fundamental para que eles possam materializar a sua integração no mercado de trabalho.

Os entrevistados afirmam que as pessoas íntimas seriam o seu primeiro recurso para materializarem a sua integração no mercado de trabalho, pois são eles que acompanharam todo o seu processo de tratamento e reabilitação. Contudo, é nestas relações onde deparam-se com o seu primeiro constrangimento, sofrendo uma estigmatização. Vejamos abaixo dois depoimentos que sustentam esta colocação:

“Os constrangimentos surgem a partir do momento em que não querem me dar e nem tenho emprego, e depois sinto me mal em casa, com os familiares, parece que me menosprezam por eu não ter como ajudar e também não me ajudam enquanto sei que têm condições de me dar ou arranjar trabalho, mas não dão por me acham irresponsável e que ainda tenho comportamento ligados ao álcool.” (Entrevistado 1, de 26 anos de idade).

“Para as pessoas mais chegadas com quem já falei para que me arranjassem emprego, por exemplo, não querem me dar porque pensam que ainda estou viciado ao álcool e por isso não me dão trabalho. Eles não facilitam, até o ponto de dificultar, fazendo com os outros também não dêem emprego” (Entrevistado 2, de 32 anos de idade).

Num estudo realizado no contexto brasileiro em torno da reabilitação dos alcoólatras, Filhos et al (2012) constataram que a família consistia um meio que facilitaria a integração social dos ex-alcoólatras por serem os primeiros a lidarem com esta situação e a estabelecerem contacto com o

doente. Contudo, nem sempre os membros da família conseguem estabelecer padrões apropriados de comportamento. Suas interacções tornam-se disfuncionais e eles podem ter dificuldade em encontrar soluções afectivas para o problema do alcoolismo. As sequelas deixadas pela fase da manifestação do alcoolismo podem fazer com seja difícil aceitar o ex-alcoólatra como um recuperado capaz de responder as demandas dos papéis sociais (Carvalho, 2010 apud Filha et al, 2012).

Os dois depoimentos apresentados anteriormente corroboram esta segunda situação nas relações íntimas nas quais não consegue olhar para o ex-alcoólatra como um recuperado, anulando qualquer possibilidade de lhe arranjar trabalho. De acordo com Goffman (2008), com base no conhecimento do estigma de uma pessoa, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efectivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Para o caso dos entrevistados deste trabalho, podemos falar da redução das chances de entrada no mercado do trabalho, por meio intermédio das pessoas mais chagadas.

Fica claro, como afirma Goffman (2008), que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo que alguém pode ter com a pessoa estigmatizada. Antes, é corroborada a ideia do autor de que as várias consequências de uma ordenação completa de suposições virtuais sobre um indivíduo podem estar nitidamente presentes em nosso trato com pessoas com as quais mantivemos uma relação duradoura, íntima e exclusiva (Goffman, 2008).

Neste sentido, o ser ex-alcoólatra é um daqueles estigmas fáceis de esconder que raramente constitui um problema nas relações com pessoas estranhas, mas que tem graves efeitos nas relações com pessoas íntimas. A redução das chances de oportunidade de entrada no mercado de trabalho começa nas próprias relações com as pessoas mais íntimas.

4.4. Estratégias de integração no mercado de trabalho

Vimos anteriormente que os entrevistados ao procurarem materializar a sua integração no mercado de trabalho por meio de pessoas com que estabelecem contactos íntimos, faz com que vivenciem constrangimentos nestes contactos. Porém, os constrangimentos nestes contactos fazem com que os ex-alcoólatras tenham consciência da dificuldade da aceitação de pessoas no

seu estado no mercado de trabalho, pelo que procuram a adoptar estratégias de manipulação do estigma.

De acordo com os dados de campo, é possível identificar três estratégias de manipulação do estigma na busca pela integração no mercado de trabalho, que passamos a retratar separadamente nas próximas linhas. As três estratégias de manipulação são estas: ocultação do estigma, normalização do estigma e recursos as redes sociais.

4.4.1. Ocultação do estigma

A manipulação da identidade depende do tipo de situação na qual se encontra o estigmatizado. A ocultação como estratégia é usada nos contactos mistos, como sendo aqueles nas quais os estigmatizados e os outros se encontram na mesma situação social, ou seja, na presença física imediata um do outro. Assim, o facto de os entrevistados terem a informação sobre a percepção e opinião das pessoas quanto a sua condição lhe possibilita a adopção antecipada de formas de responder a estigmatização.

Os dados revelam que todos os estigmatizados recorrem a ocultação da sua condição de ex-alcoólatra nas suas relações sociais, na busca pela concretização da integração no mercado de trabalho. Estes afirmam que não informam aos empregadores que são ex-alcoólatras. Vejamos nos depoimentos que apresentamos a seguir a forma como é materializada a ocultação da identidade de ex-alcoólatra:

“Não informo porque temo que por isso não vão me empregar, não tenho nível, não tenho muita formação profissional e se disser que fui internado porque consumia álcool não vão se interessar por mim. Não digo as pessoas que sou ex-alcoólatra para além dos que já sabem, tento ter uma relação saudável com as pessoas, já não saio constantemente para beber” (Entrevistado 1, de 26 anos de idade).

“Nunca me chamaram para entrevista, mas não hei-de informar” (Entrevistado 2, de 32 anos de idade).

“Nas entrevistas não informo, porque se eu disser é claro que vão me excluir. Para que não saibam não conto, e se me perguntam desvio o assunto” (Entrevistado 6, de 23 anos de idade).

Nos três depoimentos que apresentamos anteriormente revelam que os entrevistados têm informação sobre as categorias a que são atribuídos, sendo esta a condição necessária para que possam responder a estigmatização como reconhece Goffman (2008) ao afirmar que a informação quotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de acção a empreender quanto ao estigma que possui.

Os entrevistados têm a consciência de que os empregadores teriam dificuldade em empregá-los, caso tivessem a informação ou conhecimento sobre o seu estado de ex-alcoólatra, pelo que, a atitude imediatamente assumida é esconder esta informação a qualquer custo. Podemos ver no terceiro depoimento a não referência a matéria do consumo de álcool constitui uma técnica expressiva para garantir a confidencialidade da informação.

Podemos notar que no segundo depoimento o entrevistado ainda não passou pela situação na qual tenha que ocultar sua identidade de ex-alcoólatra, contudo, já definiu a ocultação como uma estratégia a ser adoptada caso seja chamado para entrevista de trabalho. Contudo, a utilização da ocultação como estratégia de manipulação do estigma de modo a integrar-se no mercado de trabalho se limita até o momento no qual não se tem ainda informação sobre o estigma. Assim, a ocultação é uma estratégia que deve ser posta em prática mesmo depois de se integrar, com risco de voltar a situação de desempregado caso seja empregado.

4.4.2. Normalização do Estigma

Uma vez que o alcoolismo se expressa por manifestação de comportamentos específicos, sendo, por vezes, violentos, não assumir responsabilidades, a falta de cumprimento de suas obrigações, podendo no trabalho se manifestar no baixo nível de produtividade (De Macedo e Mendes, 2008), os indivíduos tendem a reduzir o ex-alcoólatra vendo neles a potencialidade na emergência destes comportamentos.

É neste sentido, que os entrevistados assumem que para além de procurar esconder a sua condição de ex-alcoólatra é importante a demonstração de indicadores que façam com que as pessoas vejam neles outra identidade diferente da deteriorada. Podemos verificar nesta secção

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

que os entrevistados adoptam como estratégia práticas que fazem com que os outros lhes considerem normais.

Podemos verificar nestes depoimentos que os ex-alcoólatras buscam a exibição de características consideradas de pessoas normais, assim como buscam se dedicar a práticas consideradas, igualmente normais:

“A boa aparência está no vestir bem, não aparecer de qualquer maneira em frente as pessoas (tipo com a roupa suja, a cheirar álcool, cabelo despenteado, os pés sujos). Porque quando bebia a minha aparência era de uma pessoa desleixada e mal tratada. E a simpatia porque agora trato bem as pessoas que convivem comigo, anteriormente tratava mal até os chamava de <pobres e matrecos>, porque eu achava que era o maior e tinha muito dinheiro porque conseguia sair para beber todos os dias” (Entrevistado 1, de 26 anos de idade)

“O causar boa impressão e tentar mostrar a todos através das minhas atitudes que já estou recuperado. Passo mais tempo em casa com a família, me importo com os outros, não bebo, ajuda em casa com o dinheiro que ganho com os meus biscates e não gasto meu dinheiro a comprar bebidas, vou à igreja e procuro ajudar as pessoas que precisam” (Entrevista 2, de 32 anos de idade)

Os dois depoimentos apresentados anteriormente revelam duas formas pelas quais os ex-alcoólatras procuram normalizar o seu estigma. No primeiro podemos verificar que procura-se adoptar se apresentar de forma limpa, saber lidar com as pessoas como técnicas expressivas que ajudem a transmitir uma nova identidade de modo que as pessoas lhes vejam como normais como outras quaisquer. De acordo com Goffman (2008), nesta situação podemos afirmar que as respostas que se dão as possíveis estigmatizações consistem na incorporação dos valores e normas impostos pela sociedade.

Vemos assim, na perspectiva do autor, que se preenche uma das fases da carreira moral, como sendo aquela na qual se dá *o processo de socialização a pessoa estigmatizada apreendendo e incorporando o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular* (Goffman, 2008, p. 30)

No segundo depoimento para além de procurar incorporar os valores e normas estabelecidos e esperados pela sociedade do ponto de vista dos normais procura-se dedicar a actividades consideradas relevantes e honrosas dentro da sociedade. Se por um lado, a quebra dos laços familiares é um dos efeitos do alcoolismo, a sua reconstituição é uma das formas de se demonstrar que se superou essa condição.

Deste modo, a dedicação a família, ao negócio próprio, como fonte de rendimento para a participação económica na família, a frequência a igreja, são práticas que os ex-alcoólatras adoptam para manipular o seu estigma. Goffman (2008) afirma que os estigmatizados ao participarem desses grupos podem ganhar posições de prestígio, criando condições para que os outros lhe vejam a partir desse novo status ocupado. Assim, na busca de integração no mercado de trabalho é normal que os entrevistados procurem transmitir essa informação de modo a serem avaliados a partir delas.

4.4.5. Recursos as Redes Sociais

Entramos agora para uma terceira estratégia adoptada pelos entrevistados de modo a concretizar a sua integração no mercado de trabalho. Estes reconhecem que recorrem as redes sociais como forma de se integrarem. De acordo com Guimarrães et al (2012) as redes sociais maximizam as possibilidades de integração no mercado de trabalho. A maximização destas chances tornam-se cruciais para o caso dos estigmatizados que já tinham as suas chances reduzidas como afirma Goffman (2008).

Os dados revelam que os entrevistados recorrem às redes sociais constituídas por amigos e familiares para que este, fazendo uso das suas influências e possibilidade arranjam meios de integrá-los:

“Recorro mais aos meus familiares porque eles já sabem da minha situação e estão a ver que estou a procura de mudar de comportamento. Assim, eles estão a me ajudar, mas no princípio não queriam saber de me dar emprego porque tinham medo de eu meter água”
(Entrevistado 6, de 23 anos de idade)

“Falo mais com amigos, que já sabem que fui viciado mas até hoje não tive nada”
(Entrevistado 2, de 23 anos de idade)

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

Os dois depoimentos demonstram que os amigos e as famílias são as pessoas que constituem as redes sociais as quais os ex-alcoólatras recorrem para ver se consegue integrar-se no mercado de trabalho. O depoimento deixa claro o fundamento para que essas categorias sociais de pessoas (amigos e família) constituam os elementos das redes. Estes têm a informação sobre a condição de ex-alcoólatra dos entrevistados, o que faz com que, primeiro consigam ver que realmente estão recuperados e segundo que são pessoas a quem se pode confiar as responsabilidades.

Vimos anteriormente que a família é, igualmente um constrangimento para alguns dos entrevistados. Deste modo, podemos constatar que nem todas as famílias compreendem da mesma maneira a condição de ex-alcoólatra pelo que não se pode afirmar a priori o sentido que pode tomar na recuperação do ex-alcoólatra. Contudo, ao ser vista como um elemento da rede social a qual se pode recorrer para se integrar no mercado do trabalho, a família, como os amigos, constituem o Goffman (2008) designa de informados.

Segundo Goffman (2008), os informados são aqueles indivíduos que têm conhecimento sobre o estigma do outro e que mesmo assim, o estigmatizado pode se sentir a vontade, visto que, o seu estigma não constitui problema para o grupo no qual se encontra. A família e os amigos, como vimos nos depoimentos anteriores, têm conhecimento sobre o estigma que é o ser ex-alcoólatra, contudo, mesmo assim são visto por indivíduos nestas condições como pessoas capazes de os ajudar e a quem se pode confiar.

Nesta secção exploramos as estratégias adoptadas pelos ex-alcoólatras de modo a concretizarem a sua integração no mercado de trabalho. Os dados revelam que os entrevistados afirmam que procuram ou procurarão, caso sejam chamados a prestar uma entrevista de trabalho, a sua condição de ex-alcoólatra, ou procuram normalizar a sua condição demonstrando valores e atitudes de pessoas normais e responsáveis e participar de grupos nos quais se dedicam a actividade honráveis socialmente, ou ainda recorrem a seus familiares e amigos que constituem suas redes sociais de informados. As três estratégias identificadas podem e são, nalguns casos, postas em práticas pelo mesmo entrevistados em simultâneo.

Considerações Finais

Procurou-se neste trabalho compreender as estratégias adoptadas pelos ex-alcoólatras para concretizarem a sua integração no mercado de trabalho depois de terem passado pelo centro de recuperação de alcoólatras. Deste modo, os dados foram recolhidos junto de ex-alcoólatras cujo tratamento foi feito no centro da REMAR.

O estudo teve como pressuposto que os ex-alcoólatras têm informação sobre os atributos que são dados aos indivíduos na sua condição pelo que, em função disso, procuram adoptar meios de fazer frente a essa atribuição, por isso temos vindo a defender que os ex alcoólatras manipulam a sua identidade. Deste modo, em função do conteúdo central de cada secção do capítulo da análise de interpretação dos dados, construíram-se três considerações básicas que possibilitam a qualquer leitor verificar até que ponto os objectivos foram atingidos e a hipótese foi devidamente testada.

Partindo do pressuposto de que os entrevistados possuem alguma informação social sobre o ser alcoólatra e ex-alcoólatra, constatou-se que este grupo tem a informação sobre a forma como a sociedade concebe a condição de alcoólatra e ex-alcoólatra, pois sabe que a mesma reprova e estigmatiza os indivíduos nessa condição.

Assim apurou-se que, mesmo tendo a informação sobre a forma como a sociedade olha para os ex-alcoólatras, alguns dos entrevistados compreendem que não é justificável que os empregadores não lhes concedam a oportunidade de terem um emprego por se encontrarem nesta condição. Esta constatação revela o fosso existente entre o ser e o dever ser. Neste sentido, verificou-se que, por um lado, uma parte dos entrevistados percebe que os empregadores deveriam empregar os ex-alcoólatras, por outro lado, reconhecem que esse facto não acontece, pelo que procuram adoptar estratégias de integração de modo a responder a imagem negativa que se tem deles.

Assim sendo, os atributos negativos que são impostos ao ex-alcoólatra pelo facto de, no passado, ter-se envolvido com bebidas alcoólicas, remete ao conceito de controlo social, uma vez que a sociedade isola estes indivíduos de um convívio pleno, sentindo-se excluídos do mercado de

trabalho. Daí que estes indivíduos sofram alguns constrangimentos ligados à sua condição de ex-alcoólatra.

Assim confirmamos nossa hipótese de que os ex-alcoólatras adoptam estratégias de fazer frente à estigmatização, manipulando a sua identidade estigmatizada, mesmo que estas estratégias ainda não trouxeram um sucesso para se integrarem no mercado de trabalho. Neste âmbito, constatou-se que para responder ao estigma que sofrem com vista a sua integração no meio laboral, os ex-alcoólatras adoptam fundamentalmente três tipos de estratégias que confirmam o quadro teórico de Goffman (2008).

Neste quadro de análise, constatou-se que os ex-alcoólatras não revelam a sua condição de ex-alcoólatra às entidades empregadoras, fazendo com que não se chegue a tocar nesse assunto. Estes indivíduos normalizam a sua condição, transmitindo a identidade de uma pessoa “normal”, demonstrando ser responsável, bem-humorado, altruísta, ou mesmo integrando-se em grupos onde desenvolvem actividade respeitadas socialmente, como é o caso de igreja. Por fim, o recurso às redes sociais, os ex-alcoólatras encontram que, tendo informação da sua condição de ex-alcoólatra, aceitam e estão dispostos a ajudar.

Goffman (2008) refere que os estigmatizados tendem a desenvolver estratégias que visam minimizar os efeitos do estigma a que certos grupos são vítimas, mas estas estratégias são mais eficazes em contextos onde o estigma dos indivíduos ainda não é conhecido e o mercado de trabalho representa um destes contextos.

De uma forma geral, o trabalho explorou apenas uma das dimensões da realidade social dos ex-alcoólatras, tendo privilegiando um e único grupo-alvo, que são os ex-alcoólatras. Deste modo, compreende-se que à semelhança de estudos desenvolvidos nos contextos fora de Moçambique, para além deste, outros podem ser desenvolvidos, por exemplo, a perspectiva dos empregadores, a recuperação dos alcoólatras nos centros de recuperação, entre outras dimensões que podem enriquecer o debate. A posterior exploração dos empregadores seria relevante pelo facto de possibilitar a comparação entre as suas percepções e dos ex-alcoólatras, podendo-se, hipoteticamente, constatar-se que vão se abrindo espaços de aceitação de ex-alcoólatras no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Laura Helena S. G. et al. (2008). *Padrões de Consumo do Alcool e problemas decorrentes do beber pesado*. Brasil.

BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BECKER, Howard S. (2008). *Outsiders, estudos da sociologia do desvio*. RJ, Zahar, p.17

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 11^a. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

CAMPOS, E. A. de. (2004). *As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos* Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(5):1379-1387, set-out.

CAMPOS, G. M. e FERREIRA, R. F. (2007). *A importância da legitimação social na (re)construção da identidade de um alcoolista*, Estudos de Psicologia, Campinas.

CAPUCHA, Luís. (2005). *Formulação de Propostas de Concepção Estratégica das Intervenções Operacionais no Domínio da Inclusão Social*. Portugal.

CARDOSO, Leonardo Mendes. (1996) *Alcoolismo questão de bom senso*. 2^a. ed. São Paulo: Paulus.

CARVALHO, Virgínia et al (2010). *Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia*. Rio de Janeiro.

CIAMPA, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

DE CAMPOS, Edemilson Antunes.(2004) *As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos, Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2004.

DUBAR, C. (1997). *Para uma teoria sociológica da identidade*. Em *A socialização*. Porto: Porto Editora.

DRUMMOND, Marina Canal; DRUMMOND FILHO, Hélio Caetano.(1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Edições Loyola.

EDWARDS, Griffith. (2005). *O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde*. 4ª. ed. Porto Alegre: Artmed.

FIGUEIREDO, Suzel Garcia de Lima. (2010). *Impacto de recursos mnemônicos na retenção de mensagens corporativas*. Universidade de São Paulo Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2010.

FILHA, M. de O.F., SÁ, A.N.P. de, et al. (2012). Alcoolismo no contexto familiar: estratégias de enfrentamento das idosas usuárias da terapia comunitária, *Rev Rene*.

FONSECA, Filipe E CASTRO. *Ver a dobrar: a reconstituição da identidade alcoólica, s/d*.

GIDDENS, Anthony (2001). *Sociologia*, 4ª ed. Porto Alegre: Artmed.

HALL, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A

HAGUETTE, T.M.F. (1987) *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.

KALINA, Eduardo et al. (1999). *Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre: Artmed.

MARTINS, Yarina de F. M. (2011). *Identidades Alcoolizadas: entre os jogos de identidades e as estratégias de Integração*. Maputo.

Jovens ex-alcoólatras reabilitados e a busca pelo Emprego: Um olhar sobre a estratégia adotada pelos ex-alcoólatras para a sua integração no mercado de trabalho na Cidade de Maputo

MEGIA, L. *et al.* (1995). *Managing Human Resources*. Englewood Cliffs: Prentice Hall International, 580-589.

MERCER, K.(1990). Welcome to the jungle. Em J. Rutherford (Org.), *Identity*. Londres: Lowrence and Wishart.

MOSS, E. e DURMAN, S. *Alcoolismo na adolescência: intervenção na escola*, s/d.

OLIVEIRA, Bruna Prata. (2009). *Alcoolismo: Vivência Familiar de uma Doença Social*. Porto.

SANTOS, Alexandra S. C. (2008) *Nos Bastidores do Consumo: o álcool e a mulher*.

SOARES, L.E. (1994). *O Rigor da Indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Souza J, Carvalho AMP.(2010). *Repercussões do ambiente familiar alcoolista para o desenvolvimento da criança*. Relato de caso. *Pediatria Moderna* [periódico na internet]. 2010 [citado 2012 fev 23]; 46(3):[cerca de 5 p].

Disponível http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=4357&fase=imprime.

ANEXOS

- a. Idade
- b. Sexo
- c. Residência
- d. Nível académico
- e. Estado civil
- f. Profissão
- g. Formação profissional

1. PERCEÇÃO SOBRE A CONDIÇÃO DE EX-ALOÓLATRA.

- a. O que é que para ti um indivíduo alcoólatra?
- b. Que traços comportamentais caracterizam um alcoólatra?
- c. Como é que as pessoas olham para um ex-alcoólatra?
- d. Na tua opinião as pessoas podem dar trabalho a uma pessoa na sua condição de ex-alcoólatra?
Se não por que?
- e. Justifica-se o facto de algumas instituições não estarem dispostas a oferecer trabalho para pessoas na condição de ex-alcoólatra? Por que?

2. CONSTRANGIMENTOS NA INTEGRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.

- a. Como é que tem sido a sua procura de trabalho?
- b. Em que instituições e que tipo de trabalho tens procurado?
- c. Que constrangimentos tens enfrentado na procura de trabalho?
- d. Em que situações os Constrangimentos encontrados estão ligados a sua condição de ex-alcoólatra?
- e. Como é que manifestaram esses constrangimentos?

3. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.

- a. Como é que tens procurado trabalho?
- b. Tens informado que estas na condição de ex-alcoólatra nas instituições onde procuras por trabalho? Por que?
- c. Como é que tens feito para que as pessoas não saibam que na condição de ex-alcoólatra?
- d. Que aspectos da sua personalidade tens apresentado nos lugares onde procuras trabalho?
- e. A quem tens recorrido para que te facilite encontrar trabalho?
- f. Como tem reagido as pessoas que procuras e sabem que estas na condição de ex-alcoólatra?
- g. Como é que tens feito para que as pessoas vejam que já superaste o alcoolismo?